



MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO  
TOCANTINS  
CAMPUS PALMAS  
CURSO LICENCIATURA EM LETRAS

**FÁBIO FERNANDES NERES**

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: O USO DO JARGÃO MILITAR**

Palmas-TO

2021

FÁBIO FERNANDES NERES

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: O USO DO JARGÃO MILITAR

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciatura em Letras do Curso de Graduação em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO, Campus Palmas/TO.

**Orientador:** Prof. Dr. Daniel Marra da Silva.

**Coorientadora:** Prof. Ma. Erika de Souza Luz

Palmas – TO

2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Bibliotecas do Instituto Federal do Tocantins**

---

F363v      Fernandes Neres, Fábio  
Variação Linguística: o uso do jargão Militar / Fábio Fernandes Neres. –  
Palmas, TO, 2021.  
61 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Habilitação em  
Língua Portuguesa) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia  
do Tocantins, Campus Palmas, Palmas, TO, 2021.

Orientador: Dr. Daniel Marra da Silva Coorientadora: Ma. Erika de Souza  
Luz

1. Variações Linguísticas. 2. Sociolinguística. 3. Jargões. I. Marra da Silva,  
Daniel. II. de Souza Luz, Erika. III. Título.

**CDD 400**

---

A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio, deste documento é autorizada  
para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica do IFTO com  
os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

**FÁBIO FERNANDES NERES**

**VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: O USO DO JARGÃO MILITAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciatura em Letras do curso de Graduação em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – IFTO, Campus Palmas/TO.

**Professor Orientador:** Prof. Dr. Daniel Marra da Silva.

**Coorientadora:** Prof. Ma. Erika de Souza Luz

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2021.

---

**Prof. Dr. Daniel Marra da Silva (Orientador)**  
IFTO- CAMPUS PALMAS

---

**Prof. Me. Mairo Cândido Rodrigues**  
IFPA- CAMPUS CAMETÁ

---

**Profa. Ma. Auricélia da Silva Alencar**  
IFTO- CAMPUS PALMAS

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que me deu forças para nunca desistir até mesmo nos momentos mais difíceis, não me deixou perdido e sem ver o verdadeiro caminho.

Aos meus pais, pelo incentivo de todos os dias e sempre acreditaram em mim até mesmo nos momentos que eu mesmo não acreditava, pela motivação nos momentos de indecisão e pela ajuda quando precisei.

Aos meus queridos professores que, durante toda essa jornada acadêmica, muito me ensinaram e me fizeram crescer, em especial o Prof. Ma. Erika Luz, que pacientemente colaborou muito com o desenvolvimento desde o pré-projeto de TCC até me encaminhar para ser orientado do Prof. Dr. Daniel Marra da Silva, exemplo nessa jornada em busca por conhecimento sobre a Sociolinguística Variacionista.

À minha professora, Ma. Maria Rilda Alves da Silva Martins, por também me encantar e mostrar o quão fascinante é a Sociolinguística. Através do seu trabalho eu tive a certeza de que era nesse seguimento que iria fazer meu TCC.

Ao Prof.Dr. Rivadavia Porto Cavalcante, que sempre me incentivou bastante no tema, me motivando para que transformasse o tema do meu interesse na disciplina de Sociolinguística em um TCC.

Aos meus colegas de curso, que vivemos momentos bons e difíceis, mas que com o companheirismo conseguimos passar por tudo juntos, além de a amizade ir além do curso e ficar para vida.

Aos meus amigos, pelo reconhecimento, pela motivação e pela ajuda contínua, em palavras, atos e por entenderem que em alguns momentos eu tinha que estudar ao invés de estar com eles.

A todos que contribuíram de alguma forma para a realização dessa conquista e sonho:

Fica aqui o meu muito obrigado!

Dedico este trabalho a Deus que sempre me abençoou nessa jornada, à minha família que sempre me apoiou aos meus amigos professores da faculdade.

## RESUMO

A Sociolinguística Variacionista, de acordo com Mollica e Braga (2003), “estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando sua atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais”. Assim, a língua, enquanto fato social, é usada de diferentes formas em grupos sociais e profissionais específicos, como o meio militar. Esta pesquisa objetivou verificar o uso dos jargões militares e seu reconhecimento pelo grupo do 6 Batalhão da Polícia Militar de Palmas-TO, evidenciando o processo de variação linguística e motivações de uso. Além disso, apresentamos uma lista com exemplos de jargões utilizados nesse meio e seus sentidos. Este trabalho está fundamentado nos pressupostos de Labov (1972), Mattoso Câmara (1977) e Marcos Bagno (2003, 2007, 2009). Esta pesquisa, de cunho qualitativo, mostrou que os jargões fazem parte da fala desse grupo, principalmente no meio de trabalho. Evidenciou também que seus usos marcam de modo especial a identidade dessa comunidade. A coleta de dados foi realizada através de formulário eletrônico, desenvolvido especialmente para esta pesquisa. Confirmamos aqui que a língua enquanto fato social é dinâmica e que esse dinamismo faz com que diferentes grupos, inseridos em contextos geográficos, socioculturais, situacionais e profissionais usem vocabulário que os especifiquem linguisticamente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociolinguística; Variações Linguísticas; Jargões

## **ABSTRACT**

Variationist Sociolinguistics, according to Mollica and Braga (2003), “studies the language in use within speaking communities, turning its attention to a type of investigation that correlates linguistic and social aspects”. Thus, language, as a social fact, is used in different ways in specific social and professional groups, such as the military. This research aimed to verify the use of military jargon and its recognition by the group of the 6th Battalion of the Military Police of Palmas-TO, highlighting the process of linguistic variation and usage motivations. In addition, we present a list with examples of jargon used in this medium and their meanings. This work is based on the assumptions of Labov (1972), Mattoso Câmara (1977) and Marcos Bagno (2003, 2007, 2009). This research, of a qualitative nature, showed that jargon is part of the speech of this group, mainly in the work environment. It also showed that its uses mark the identity of this community in a special way. Data collection was performed using an electronic form, developed especially for this research. We confirm here that language as a social fact is dynamic and that this dynamism makes different groups, inserted in geographic, sociocultural, situational and professional contexts, use vocabulary that linguistically specify them.

**KEYWORDS:** Sociolinguistics; Linguistic Variations; jargon



## LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

<b>Tabela 1:</b> Tabela com o perfil do informantes.....	30
<b>Gráfico 1:</b> Gráfico com as respostas da primeira questão.....	33
<b>Gráfico 2:</b> Gráfico com as respostas da segunda questão.....	34
<b>Tabela 2:</b> Lista com os jargões mais utilizado .....	35

## SUMÁRIO

1. <b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
2. <b>JUSTIFICATIVA</b> .....	11
3. <b>OBJETIVOS</b> .....	12
3.1 Objetivo Geral.....	12
3.2 Objetivos Específicos.....	12
4. <b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	13
4.1 O processo da variação linguística.....	13
4.2 A teoria da variação linguística: as pesquisas de Labov.....	15
4.3 O dinamismo linguístico.....	17
4.4 O linguajar militar.....	21
4.5 Por um entendimento dos jargões militares.....	23
4.6 A gíria/jargão no contexto comunicativo.....	25
4.7 Aspectos culturais e históricos do militarismo.....	28
5. <b>METODOLOGIA</b> .....	29
6. <b>APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS</b> .....	31
7. <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	38
<b>ANEXO</b> .....	40

## 1 INTRODUÇÃO

É fato que as línguas sofrem mudanças no decorrer do tempo. Tal processo decorre do dinamismo inerente do próprio sistema em que estão inseridas, a partir de diferentes motivações, que podem ser geográficas, socioculturais e situacionais.

O processo de mudança e variação sempre foi alvo de estudos das diferentes áreas da linguística. A forma como uma determinada comunidade faz uso do mesmo código, usado de diferentes formas, representa uma fonte inesgotável de pesquisas. Para Martelotta (2011), que enfatiza a visão saussureana, “as línguas constituem sistemas autônomos, cujas partes se organizam em uma rede de relações, de acordo com leis internas”. E para o funcionamento desse sistema, há um caráter social, determinado e compartilhado pelos membros de uma mesma comunidade.

As línguas sofrem mudanças e esse processo ocorre porque as sociedades mudam, evoluem, há novas demandas e necessidades no meio social, profissional, familiar que exigem inovações. Neste contexto, novos grupos surgem e com eles a necessidade de ampliação ou criação de termos comunicativos específicos, exemplo do grupo militar, nosso objeto de pesquisa neste trabalho.

Martelotta (2011) relata que

Não é incomum vermos em manuais de linguística a informação de que uma língua cresce no que diz respeito ao número de palavras que contém, na medida em que a sociedade que a usa cria novas entidades que precisam ser nomeadas, ao mesmo tempo em que podem desaparecer palavras referentes a objetos que se tornam obsoletos (MARTELOTTA, 2011, p. 17).

Assim, surgem o tempo todo novas palavras no português, ao mesmo tempo que muitas outras caem em desuso. Mas o fato é que as línguas estão em constante expansão e a variação lexical que podemos perceber no discurso de diferentes comunidades pode ser decorrente de necessidades internas de cada grupo.

Nesta pesquisa, estudamos, no contexto do processo de variações linguísticas, o uso do jargão militar. Apesar do militarismo existir desde os primórdios da sociedade, não faremos aqui um estudo diacrônico da variação lexical dos termos utilizados neste meio e sim um recorte sincrônico de usos linguísticos em um grupo

específico, integrantes do 6º Batalhão da Polícia Militar de Palmas-TO, buscando mostrar seus usos e motivações.

Por ser um fenômeno social, dinâmico e mutável, a língua se adapta às necessidades de cada comunidade de uso, e no meio militar não seria diferente. Sabemos que muitas profissões demandam o uso de termos específicos, criados e/ou utilizados com diferentes fins. Para que haja a inserção de um novo membro em comunidades específicas, por exemplo, há a necessidade de uso dos termos lexicais que circulam nesse meio e, quando falamos de linguagem, vários são os fatores motivacionais para a aquisição de novas palavras e/ou expressões.

Nesta pesquisa em específico, acreditamos inicialmente que as escolhas linguísticas realizadas neste grupo estão relacionadas a um sentimento de aceitação e pertencimento, fator confirmado através do questionário. Os usos dos jargões por essa comunidade reforçam uma identidade cultural.

Assim, este trabalho confirmou o uso dos jargões pelos participantes da pesquisa, 32 policiais, homens e mulheres, de diferentes idades, patentes e tempo de serviço. Além do uso dos jargões, há o reconhecimento desse uso pelo grupo, que considera que essas escolhas lexicais individualizam de modo especial o grupo.

Para isso, estruturamos este trabalho em 7 capítulos, iniciando com a Introdução, Justificativa e Objetivos, geral e específicos. No capítulo 4 apresentamos o referencial teórico que norteou a pesquisa; no capítulo 5 apresentamos o percurso metodológico utilizado e, em seguida, nos capítulos seguintes são apresentadas as informações coletadas, análises dos dados e considerações finais.

## **2 JUSTIFICATIVA**

Visto que este estudo objetiva verificar o uso dos jargões por uma comunidade específica, a militar, a pesquisa se justifica pela importância de ampliar os estudos sociolinguísticos e também lexicais, já que a língua é dinâmica e está em constante evolução. Pretendemos colaborar, desta forma, com as pesquisas existentes no âmbito da descrição linguística e variação lexical, contribuindo para diferentes campos de trabalho, fator que confere um caráter interdisciplinar ao trabalho.

É importante, no âmbito das pesquisas em sociolinguística, evidenciar o processo variável e dinâmico das línguas e sua importância para caracterizar grupos

linguísticos específicos em seus meios comunicativos, como médicos, engenheiros, advogados e militares, grupo pesquisado neste trabalho. Esses utilizam dos jargões especificamente em seu meio de trabalho, processo que os diferencia linguisticamente dos demais grupos.

Nesse contexto, a importância de mostrar como ocorre o processo de variação linguística e escolhas lexicais em grupos específicos, pode fomentar debates sobre a descrição linguística e fomenta pesquisas futuras, além de evidenciar para que a população compreenda que o uso de termos específicos por uma comunidade de fala é um processo natural e necessário, visto que a língua não é usada da mesma forma por todos.

As motivações para desenvolver a pesquisa sobre os jargões no meio militar veio do contato do pesquisador com o meio e, ao observar que a linguagem utilizada se diferenciava das demais, em relação às escolhas lexicais, pretendemos confirmar o uso dos jargões e verificar o efeito de sentido dessas escolhas no cotidiano desses profissionais, movimento que pode gerar um sentimento de especificidade e pertencimento àquela comunidade.

É importante ressaltar, através das pesquisas, que a sociedade se organiza em grupos, familiares, sociais, profissionais; e que cada membro de um grupo organiza sua linguagem através de suas necessidades comunicativas, através do processo de adequação linguística. Essa adequação mostra o quanto a linguagem é dinâmica e gera, no meio social, o sentimento de pertencer a uma comunidade específica, provocando nos indivíduos um processo de empoderamento.

### **3 OBJETIVOS**

#### **3.1 OBJETIVO GERAL**

Verificar o uso de jargões militares pelos policiais do 6º Batalhão da Polícia Militar do Tocantins (6ºBPM).

#### **3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Descrever os jargões militares enquanto processo de identidade cultural e profissional;
- Verificar o reconhecimento dos jargões pela comunidade militar;
- Perceber o posicionamento desta comunidade em relação aos usos dos jargões.

## **4 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **4.1 Variações linguísticas: processo histórico, geográfico e sociocultural**

A língua é um fato social e, enquanto mecanismo dinâmico e representativo das diversas comunidades de fala, desperta o interesse das diferentes áreas das ciências da linguagem para o processo de descrição de seu uso variável.

A realização pelo processo de variação ocorre por diferentes fatores, que podem ser sociais, políticos, religiosos, educacionais e, independente de fatores, a língua liga socialmente os povos e os diferencia também. No Brasil, a diversidade linguística vem sendo investigada por Antenor Nascentes em 1922 que, já nessa época, notava que o país apresentava uma vasta diferença dialetal. De acordo com LUZ (2019)

Nascentes (1953) evidencia o processo de formação do português brasileiro e enfatiza os acontecimentos históricos de colonização como principais fatores influenciadores na construção da língua. Reforça que o processo de contato linguístico propicia mudanças estruturais nas línguas faladas. Índios, negros, colonos, portugueses, outros estrangeiros e mestiços foram, aos poucos, modificando o português e construindo o falar brasileiro. Explica ainda que as causas etnológicas de alteração do português do Brasil começaram a atuar no século XIX, com a imigração italiana em São Paulo, a polaca no Paraná e a alemã em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, além das influências exercidas pelas comunidades fronteiriças (LUZ, 2019, p.36).

Com esse contexto, percebemos que a língua falada no Brasil, apesar de uma aparente uniformidade, apresenta uma grande variação. Tal fato pode ser em decorrência do vasto território, que provoca diferentes variações, relacionadas com fatores históricos e diferentes locais de uso.

Percebemos, no trabalho com a linguagem, que há grupos de classes sociais específicas que acreditam que seu modo de falar é o mais correto, é a língua considerada de prestígio e que deve ser seguida por todas as comunidades de fala, desconsiderando a grandiosidade do nosso território e as variações linguísticas decorrentes de fatores históricos, geográficos e socioculturais.

De acordo com Bagno (2009, p.21), há uma ditadura em relação às normas de uso da língua, uma busca incessante por um ideal linguístico, e que esse fator decorre das classes economicamente dominantes, que têm mais acesso à educação formal, fator que vai variar de acordo com “o grau de democratização das relações sociais de um país”.

Bortoni-Ricardo (2005, p. 14) reforça ao dizer que “o prestígio associado ao português-padrão é um valor muito arraigado, herança colonial consolidada nos nossos cinco séculos de existência como nação”. Ressalta ainda que esses valores devem ser questionados, principalmente quando promovem a perpetuação das desigualdades sociais.

Sabemos que há um tratamento diferenciado em relação à língua ensinada nas escolas através das gramáticas e dicionários e a língua usada nas situações cotidianas. Existe uma imposição de modelo linguístico, que considera todo o sistema de variações evidenciados pela sociolinguística, área que tem demonstrado que as línguas não são homogêneas, que existem diversos fatores envolvidos que motivam suas variações e, à medida que há novas necessidades comunicativas, os aspectos lexicais ganham espaço em processo de ampliação.

Desconsidera-se que a língua é viva, dinâmica, social e democrática. Sobre essa questão, Bagno (2015) ressalta que não reconhecer que o português do Brasil não é homogêneo, prejudica a educação, visto que não há o reconhecimento da verdadeira diversidade do português falado no país e sim a valorização do modelo prescrito pelas gramáticas. Para Bagno (2015)

A escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os mais de 200 milhões de brasileiros, independente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização. Com isso também se nega o caráter multilíngue do nosso país, onde são faladas mais de duzentas línguas diferentes, entre línguas indígenas, línguas trazidas pelos imigrantes europeus e asiáticos, línguas surgidas das situações de contato nas extensas zonas fronteiriças com os países vizinhos, além de falares remanescentes das diversas línguas africanas trazidas pelas vítimas do sistema escravagista (BAGNO, 2015, p.27).

O fato é que, apesar da insistência do sistema normativo em tentar impor uma língua padrão, o nosso processo histórico evidencia que as variações linguísticas devem ser consideradas quando tratamos da estrutura de uma língua. É impossível conceber uma língua sem variações. Portanto, a variação linguística é um processo constante, dinâmico e que contribui para a ampliação lexical das comunidades de fala.

As pesquisas mostram que todas as línguas passam por mudanças no decorrer do tempo. No processo de variação histórica, palavras deixam de ser usadas e são substituídas por outras, neologismos surgem o tempo todo, principalmente neste contexto pandêmico em que estamos inseridos.

Outra variação que julgamos importante destacar é a variação geográfica. As diferenças aparecem nos sotaques e no léxico. Como o Brasil possui vasta extensão territorial, a língua portuguesa falada no país apresenta uma heterogeneidade surpreendente. Temos diferentes palavras para nomear objetos, frutas, situações. Cada cultura é representada através de diferentes modos de falar, através de escolhas linguísticas que marcam de modo especial as comunidades de fala.

Já a variação sociocultural está relacionada aos ciclos linguísticos, aos contatos entre os grupos e aquisição e aprimoramento do discurso de acordo com o grau de escolaridade dos indivíduos. Nesse processo, citamos as variações decorrentes dos diferentes ambientes profissionais, que marcam os grupos profissionais de modo específico.

E é por reconhecermos a diversidade linguística que perpassa os estudos da língua é que pretendemos descrever escolhas linguísticas de um grupo específico, o militar.

#### **4.2 A teoria da variação linguística: as pesquisas de Labov**

A Teoria da Variação e Mudança Linguística (também chamada Sociolinguística Quantitativa ou Laboviana) tem como objeto de estudo a variação e mudança da língua no contexto social da comunidade de fala.

As pesquisas feitas por Labov em seus dois principais trabalhos foram feitas por gravação, e foi uma técnica recente que influenciava nas respostas dos



entrevistados se eles fossem entrevistados sabendo que estava sendo gravado ou não sabendo que a entrevista estava sendo gravada.

A linguística Laboviana tornou-se sinônimo do estudo de variação e mudança linguísticas. Além disso, a variação linguística é um fato que não é observado somente por grupos sociais, mas também pela variação por faixa etária, sexo e o meio em que o indivíduo reside.

Conforme Labov (1978), dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas com o mesmo valor de verdade constituem-se como variantes de uma mesma variável (regra variável). Desse modo, a variação sistemática é um caso de modos alternativos de dizer a mesma coisa, sendo esses modos portadores do mesmo significado referencial (LABOV 1972, p. 78).

Qualquer forma variável (um membro de um conjunto de formas alternativas de “dizer a mesma coisa”) deve ser reportada com a proporção de casos em que a forma ocorreu no ambiente relevante, comparada ao número total de casos em que ela poderia ter ocorrido (LABOV, 1972, p. 94).

Labov fez dois experimentos para justificar a sua teoria variacionista. A primeira foi em 1963, quando publicou seu célebre trabalho sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts. Nessa pesquisa, relacionou fatores como idade, sexo, ocupação, origem étnica e atitude ao comportamento linguístico dos nativos da ilha, no que se referia à pronúncia de determinados fones do inglês (as vogais dos ditongos [ay] e [au]) ao qual se seguiram estudos sobre a estratificação social do inglês falado na cidade de Nova York (1966).

Nesse trabalho, Labov observou a ocorrência da centralização das vogais dos ditongos, fato que manifesta herança fonética dos colonos Yankees, do século XVII. O uso centralizado dos referidos ditongos era a maneira de determinados moradores se reafirmarem como nativos, rejeitando a pressão social feita pelas culturas dos visitantes e veranistas. O uso da variante padrão revelaria, por parte de outros, sentimento de insatisfação, seja pela vontade de deixar a ilha ou pela vontade de que ela evoluísse e se equiparasse a outras cidades norte-americanas. Para Labov a variante estigmatizada dos falantes nativos seria um comportamento linguístico demarcador de sua identidade social.

No segundo trabalho em Nova York, Labov estuda primeiro a variação do uso do (r), neste estudo Labov observou com as entrevistas preliminares que

poderia ser feito um teste com duas noções: que a variável (r) é um diferenciador social em todos os níveis além de eventos rápidos e anônimos que poderiam ser usados como base para um estudo sistemático da língua. O estudo foi gravado em fita e obteve uma grande quantidade de dados do uso do (r) em uma gama considerável de diferentes estilos de entrevistados. Na pesquisa, foi observado nos resultados obtidos que num dos extremos, foi visto que somente uma classe social exibe um grau de pronúncia do (r) no uso cotidiano. Desse modo, o uso do r funciona como marcador de prestígio do grau de status social mais elevado. Além disso, foi observado inicialmente que a classe média baixa exibe o mesmo valor significativo do r em relação à classe operária baixa.

Em outra pesquisa, na variação do (oh), a classe baixa, segundo a pesquisa de Labov não participa de um padrão de variação social ou estilística para o (oh). Em contrapartida, a classe de falantes que mais exibe sensibilidade a esse traço de fala casual, exibe sensibilidade a reações subjetivas. Além disso, foi observado que a origem étnica dos falantes da cidade de Nova York é ainda mais relevante para o uso do (oh) do que a classe socioeconômica. Nesse contexto, essa pesquisa de Labov mostra que os falantes judeus e italianos têm participado do alçamento de (oh), mas o aumento parece ter atingido seu ápice mais cedo entre os judeus e mais tarde entre os italianos.

Além das pesquisas aqui mencionadas, seguiram-se outras tais como o estudo sobre o inglês dos adolescentes negros do Harlem, em Nova York, entre outras, evidenciando os estudos da língua enquanto fato social e mostrando recursos metodológicos de análises variacionistas dado o dinamismo linguístico

Os estudos de Labov mostram que a língua ainda continua vista como elemento de discriminação social em todos os contextos cotidianos, formais e/ou informais. Ressaltamos, neste contexto, a importância do trabalho com as variações linguísticas nos meios educacionais no sentido de evidenciar o reconhecimento de que as sociedades são multiculturais e, portanto, pluri linguísticas. Não podemos escolher uma única forma comunicativa e elegê-la como a certa, a culta, desconsiderando inúmeras classes sociais que não pertencem e não recebem um ensino elitista.

Temos que ressaltar que os estudantes pertencem a grupos sociais distintos; que os diferentes profissionais possuem formas específicas de comunicação no seu meio de trabalho, que os indivíduos adequam seu discurso de

acordo com o público, ocasião, que somos falantes pertencentes a uma sociedade multicultural.

E esse estudo sobre a diversidade linguística e os processos de variações, que buscam mostrar os fenômenos variáveis numa língua, pertencem à sociolinguística, área que descreve o processo de variação em todos os níveis linguísticos: fonológico, sintático, semântico-lexical e discursivo, e que mostra a língua enquanto sistema heterogêneo.

### 4.3 O dinamismo linguístico

A língua muda praticamente conforme a necessidade do usuário, ou seja, conforme o meio em que o falante está inserido. Na maioria dos casos, o falante utiliza de outras palavras para que a comunicação naquele meio e momento seja fluida. Logo, pode-se mudar a utilização das palavras para que sejam atendidas as necessidades dos falantes.

Nem todas as mudanças linguísticas recebem avaliação social explícita ou sequer reconhecimento. Algumas parecem ficar muito abaixo do nível das reações sociais explícitas (LABOV, 1972, p. 354).

Essas estratégias utilizadas estão relacionadas ao que o locutor pretende transmitir aos ouvintes. E caso o ouvinte não tenha ciência de uma forma de comunicação utilizada pelo locutor, o locutor pode utilizar de outras formas de comunicação que transmitam o mesmo sentido, atingindo o atendimento do ouvinte que é o objetivo principal da conversação.

Nessa ótica, Labov (1972) explica que é comum que em uma língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer “a mesma” coisa. Algumas palavras como carro e automóvel parecem ter os mesmos referentes; outras têm duas pronúncias, como cantando e cantado.

Logo, este processo do dinamismo linguístico também está relacionado às mudanças que ocorrem no mundo ao longo do tempo, com o surgimento de novas ideias, novos pensamentos e novas tecnologias e isto tudo impacta na forma em que a língua irá se adaptar para suprir estas mudanças, que são estudadas e descritas pela sociolinguística.

Para Mollica e Braga (2003), “a sociolinguística estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando sua atenção para um tipo de investigação

que correlaciona aspectos linguísticos e sociais”. Trata-se do uso concreto da língua e do seu caráter dinâmico e heterogêneo concentrada nos aspectos variáveis das línguas naturais.

Por isso, a língua é considerada dinâmica a todo tempo, já que historicamente os diferentes povos, além de serem conhecidos por suas culturas, eram essencialmente conhecidos por sua língua; mas, além disso, novos povos ao longo da história surgiram de outros e puderam carregar algumas traduções e características da língua anterior, que é o caso do português do Brasil em relação ao português de Portugal.

Em toda língua podemos encontrar variação, ou seja, toda língua tem várias formas distintas de se dizer uma mesma coisa ou palavras diferentes que se remetem a uma mesma coisa e essa variação é tida como um mecanismo essencial das línguas.

Além disso, há os falantes que podem utilizar variadas formas para se comunicar, no trabalho, em casa, com os amigos ou em um ambiente em que a formalidade do trabalho seria inadequada. Isto remete à capacidade de adaptação dos seres humanos a capacidade de se adequar ao ambiente conforme as necessidades linguísticas do local.

Nesse sentido, para as formas variantes podem coexistir por séculos ou encontra-se num estágio de mutação. Em último caso uma das formas pode desaparecer, dando lugar a mais nova que vai gradativamente tomando os lugares ocupados da antiga forma (MARTELOTTA, 2011, p.160).

As formas variantes vão expandindo seu uso por novos contextos linguísticos e sociais, sempre tomando o lugar da forma alternativa. A expansão no contexto social se concretiza na medida em que ela tem seu uso estendido para novos grupos sociais e seus dialetos.

Labov (1973, p.290) explica que as variáveis mais próximas da estrutura superficial frequentemente são foco da avaliação social. De fato, valores sociais são atribuídos a regras linguísticas somente quando há variação. Os falantes não aceitam de imediato o fato de que duas expressões diferentes realmente “tem o mesmo significado” e existe uma forte tendência a atribuir diferentes significados a elas. Se dado grupo de falantes usa uma variação particular, então os valores sociais atribuídos a esse grupo serão transferidos a essa variante linguística. Sturtevant (1947) propôs um modelo geral de mudança linguística, mostrando a

oposição de duas formas, cada qual favorecida por um grupo social particular. Quanto à questão fica resolvida, e uma forma se torna universal, o valor social associado a ela desaparece.

As interações comunicativas a cada dia estão exigindo mais dos falantes que precisam buscar formas para que haja a comunicação, assim as mudanças da língua ocorrem meio que instantânea e ao mesmo tempo de uma forma forçada para que o principal resultado da comunicação seja eficaz e as línguas vão se adaptando aos novos tempos.

Por isso, Martelotta (2011) diz que as línguas são essencialmente dinâmicas e elas não podem funcionar senão mudando. Logo, as línguas só funcionam se for mudando. É um fenômeno essencialmente funcional, no sentido de que está relacionado às estratégias comunicativas que os usuários utilizam nos diferentes eventos de uso.

Em outra ótica, uma mesma pessoa em contextos de fala diferentes, essencialmente muda sua forma de falar para se adaptar e se comunicar. Fato esse que é necessário até certo ponto que isso não seja um problema que venha intervir em sua cultura.

Se pararmos para observar, em todas as comunidades ou grupos de pessoas existem falantes que têm mais consciência do que outros das formas prestigiosas de falar e cujo comportamento é mais influenciado pelos padrões externos de excelência. Eles exibirão uma alternância estilística maior do que aqueles que não reconhecem tais padrões.

Para Meillet (1921:16-17, p. 304), a língua uma instituição social, resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da mudança linguística é a mudança social, da qual as variações da língua são apenas as consequências.

Um dos princípios do processo de comunicação é a forma que o falante utiliza para se comunicar, seja com certeza com a adaptação do seu vocabulário para determinado ouvinte em determinado local no momento.

A linguagem, que é o fato social por excelência, resultado dos contatos sociais. Ela se tornou um dos vínculos mais fortes que unem as sociedades e deve seu desenvolvimento à existência do grupo social (MEILLET, 1951:11, p. 304).

No processo de aquisição da língua, a influência que a criança recebe dos seus pais em termos de fala e utilização das palavras até certo momento para ela se torna a absoluta verdade, ou seja, primeiramente os pais são os responsáveis pelo processo de aprendizagem da criança, logo a criança copia a forma que os seus pais falam.

Sobre o processo de aquisição da língua, Labov (1973, p. 309) explica que nada poderia ser mais natural para os linguistas do que explicar a mudança linguística em termos do relacionamento pais-filhos. Para explicar a aquisição da língua, basta considerar linguística, primeiro se considera a criança como ouvinte, depois como falante. Muitos linguistas gostam de realizar “experimentos imaginários” e que se colocam a si mesmos na posição de uma criança imaginária fisgando dados fictícios de uma mãe imaginária.

Todo ambiente em que vivemos contribui para a nossa formação linguística. Processo que se inicia com os pais, parentes, amigos, na escola e até mesmo no trabalho mais adiante, isso porque nosso processo de aquisição da língua é constante, ou seja, estamos passando diariamente por processos de aprendizagem linguística.

Aparentemente as mulheres têm mais cautela em relação a utilização das palavras no meio comunicativo do que os homens, e isso contribui para que os filhos possam imitar suas mães e adquirir com facilidade o uso da linguagem.

Conforme Labov (1972, p. 347), as mulheres têm mais sensibilidade para adquirir as formas de prestígio que os homens, claro que isso é uma especulação, mas este papel da mulher tem importância no mecanismo de mudança linguística, porque certamente as mulheres conversam mais com as crianças no processo de formação das regras linguísticas.

Nesta pesquisa, foram analisadas as variantes sexo e idade, visto que a sociolinguística estuda as diferentes comunidades de fala correlacionando aspectos linguísticos e sociais. Além disso, seus estudos voltam-se para a descrição desde os pequenos grupos socioculturais a comunidades maiores.

Para Mollica (2003, p.9), todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas. Nesse contexto, as línguas apresentam variantes que são consideradas mais prestigiadas do que outras e os estudos sociolinguísticos contribuem para desconstruir preconceitos linguísticos, a partir do uso de teorias e métodos para a análise da variação e da mudança linguística.

#### 4.4 O linguajar militar

O uso de palavras específicas em um grupo social e/ou profissional pode produzir efeitos de sentido para os que estão inseridos no meio comunicativo, além de retratar e marcar de modo específico uma determinada comunidade. Os estudos sociolinguísticos procuram retratar a riqueza na variação lexical e o impacto de seus usos na comunicação.

Nesse contexto, a variação sociolinguística no militarismo, conhecida como linguajar militar, é composta por palavras específicas utilizadas para substituir diferentes palavras do contexto social, essas são denominadas de jargões. O linguajar militar pode ser facilmente identificado, visto que são usadas palavras e/ou expressões típicas desse meio no contexto de trabalho. Já falamos anteriormente que as escolhas linguísticas mudam de acordo com o grupo social dos indivíduos e de acordo com as necessidades comunicativas. Tal processo colabora para a ampliação de vocabulário e para a mudança das línguas.

De acordo com Labov (1972, p. 313), a variação social e estilística da língua desempenha um papel importante na mudança linguística. “Por social” entende aqueles traços da língua que caracterizam vários subgrupos numa sociedade heterogênea; e por “estilística”, as alternâncias pelas quais um falante adapta sua linguagem ao contexto imediato do ato de fala. Ambas estão incluídas no comportamento “expressivo” - o modo como o falante diz ao ouvinte algo sobre si mesmo e seu estado mental, além de dar informação representacional sobre o mundo. A variação social e estilística pressupõe a opção de dizer “a mesma coisa” de várias maneiras diferentes, isto é, as variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ ou estilística.

É certo que a classe militar não utiliza a linguagem com jargões por acaso, há objetivos para que os mesmos possam ser proferidos ao invés de palavras utilizadas pela população que não faça parte do meio militar e isso foi investigado neste trabalho.

Para o estudo do léxico de uma língua, há vários conhecimentos que se relacionam, podendo ser fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, pragmáticos, discursivos e, portanto, cognitivos.

A grande maioria das pessoas não concebe a linguagem como uma capacidade cognitiva dos seres humanos, como algo

inscrito em seu cérebro, em seu próprio ser biológico- para elas, a língua é, primordialmente, um bem cultural, uma instituição social, semelhante à religião, à moral e ao direito, por exemplo. A língua é vista como algo exterior, que fica fora de nós. E assim como a religião, a moral e o direito são submetidos a processos socioculturais de decodificação e normatização, a língua também, assim considerada, pode ser codificada e normatizada (BAGNO, 2009, p.55).

Novamente voltamos à questão de norma padrão e ideal linguístico, desconsiderando as riquezas variacionistas que todas as línguas evidenciam.

Para este trabalho, entender a função das escolhas lexicais em seu processo de variação, usado por um grupo específico, o meio militar, é importante para marcar os usos regionais e evidenciar a cultura desse grupo. Para isso, é importante compreender o contexto de vida do grupo militar. Assim, conhecer a história e cultura dessa comunidade, seus costumes, regras, hábitos e formação faz com que entendamos as suas escolhas linguísticas.

No campo lexical, as escolhas de sinônimos, expressões regionais, escolha por gírias ou expressões codificadas fazem parte de contextos comunicativos específicos, com propósitos determinados. Por isso que os militares utilizam em seu linguajar os jargões para que a comunicação entre eles em determinadas situações dificulte o entendimento de quem não participa do contexto comunicativo militar. E qualquer diferença comunicativa, em relação às variações, impactam no processo de inovação e mudança, independentemente do número de falantes inseridos numa dada comunidade de fala.

Labov (1972, p. 336) explica que a diferença entre uma mudança em andamento e uma mudança avançada pode ser vista claramente às vezes no padrão da distribuição social. Uma mudança pode começar primeiro num grupo social localizado em qualquer ponto da hierarquia social. Enquanto ela está se desenvolvendo e se expandindo, ainda se pode ver o padrão em pirâmide através de diversas faixas etárias, com os valores mais altos nos falantes mais jovens do grupo original. Mas quando a mudança atinge um estado avançado, e todas as classes sociais são afetadas, ela frequentemente se torna estigmatizada, e a correção social da fala formal começa a obscurecer o padrão original.

#### **4.5 Por um entendimento dos jargões militares**



A categoria militar, por ser vista como uma comunidade específica, é vista como um grupo que faz uso de termos específicos e diferenciados em seu processo de atuação profissional, assim como em outras profissões que possuem também termos técnicos como os engenheiros, médicos, advogados entre outros.

O uso de gírias ou jargões, quando falamos de norma padrão de uso da língua, é vista com certo preconceito no meio normativo, que muitas vezes, desconsidera a riqueza dinâmica das línguas e o processo de adequação linguística que cada grupo necessita para a convivência em sociedade.

Nesse domínio, Bezerra (2000) aborda que a gíria está presente no cotidiano da vida dos membros de uma sociedade, em seus diversos setores (escola, família, trabalho, lazer, igreja, dentre outros), embora usá-la adequadamente implique o domínio das diversas variedades linguísticas, de modo que, para cada situação, use-se um registro pertinente.

Neste espaço, justificamos o uso de gírias e jargões porque muitos dicionários trazem os dois termos com a mesma carga de sentido, apesar de acreditarmos que gíria pode estar ligada a contextos de uso mais informais do que o jargão, por isso optamos, neste trabalho, usar o termo jargão ao invés de gíria.

A gíria ou jargão, considerados como um conjunto de unidades linguísticas (itens lexicais simples ou complexos, frases, interjeições) que caracteriza um determinado grupo social, nem sempre mereceu um estudo específico, visto que faz parte, predominantemente, da modalidade oral da língua e também de um registro informal. Como, por tradição, valorizou-se sempre o estudo da língua escrita padrão, não havia lugar para esse tipo de vocabulário. Isso é o que se pode ver, consultando gramáticas da língua portuguesa de épocas diversas.

Partindo desse pressuposto, Mattoso (1989) diz que há duas grandes vertentes de estudo do estilo: uma privilegia seu lado social e a outra, seu lado individual. Mas isso pode parecer um pouco vago. O que provavelmente falta mostrar é a conexão que existe entre o que se considera social e o que se considera individual. Uma hipótese: quando parece mais individual, o estilo garante, no entanto, uma identidade, um pertencimento a um grupo (seja pela gíria ou jargão, seja pelo estilo de escolas literárias, por exemplo). O que mostra que o que se toma como individual não pode existir sem um fundamento que seja de outra ordem. Todos os exemplos de estilo individual podem ser reduzidos a formas de “explorar” a língua, ou seja, algo que não é da ordem do individual.

Além disso, na visão de Câmara (1989, p.283), a gíria [...] caracteriza-se uma atitude linguística de desrespeito intencional à norma estabelecida. [...] só afirma a sua entidade pelo contraste com a norma culta da língua. É um misto de certos elementos de vivacidade, chiste, petulância e acinte. Um nível cultural baixo tende a fixar na língua comum esse conjunto de elementos, que revolta, em última análise, da expressão pessoal, é por natureza efêmero e inconstante.

Portanto, conforme aponta Câmara (1977), a gíria se inscreve como um estilo do uso da língua. Ela demarca o modo de dizer e de expressar de um grupo social em determinada época e faz parte, até mesmo, de um coletivo social ou individual.

Para Labov (1972), a comunidade de fala para o modelo teórico-metodológico não é entendida como um grupo de pessoas que falam exatamente da mesma maneira, mas que compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros; comunicam relativamente mais entre si do que com os outros e, principalmente, compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem. (apud WEISS,2014).

Segundo Doubois (1998, p.356 apud LIMA 2011) o jargão foi, primeiramente, uma forma da gíria, utilizada em uma comunidade, geralmente marginal, que sente a necessidade de não ser compreendida pelos não- iniciados ou de distinguir-se do comum[...]. Por extensão, jargão é empregado para designar uma língua que julgamos deformada, incorreta ou incompreensível: fala-se, assim, do jargão de um mau aluno, do jargão de um filósofo.

Em seguida, Fusaro (2001, p.5 apud LIMA 2011) diz que os falantes fazem parte de um grupo com ocupações tão específicas que até desenvolveu um jeito próprio de se comunicar: a gíria. A gíria não chega a ter uma estrutura ou forma gramatical particular [...] ela surge entre pessoas que se identificam por atividades esportiva, profissional ou de atitude. Ela pode extrapolar o meio em que foi criada e contagiar outras tribos. Mas também pode não pegar, ou durar pouco e ser rapidamente esquecida [...] compreendida apenas por quem faz parte do mesmo grupo, é uma forma de defesa e preservação da identidade. Funciona como um código exclusivo. Mas o simples contato com alguém do grupo de fora é suficiente para alastrar a palavra e acabar com segredo deste meio [...]. Quando é espalhada, a gíria está sujeita a mudanças de percurso. A expressão passa de boca em boca, vai ganhando acentos e significados diferentes do original [...] os meios de comunicação, além de lançar novos termos, são fortes

propagadores da gíria que já existe. Assim, o que era criptológico passa a ser gíria comum (LIMA apud ELIOREFE CRUZ, 2011).

A gíria e/ou jargão podem ser vistos, então, como formas comunicativas especiais, que se renovam de acordo com as necessidades dos grupos que a utilizam, independente dos propósitos de uso, marcando profissões e classes. É a visão que temos do grupo militar é que se trata de uma comunidade com necessidades linguísticas e comportamentais bem específicas, dotada de atitudes próprias e uma cultura peculiar. No âmbito profissional, a utilização de gírias/jargões representa uma linguagem mais exclusiva de cada área, às vezes de difícil compreensão para quem não faz parte do meio discursivo. No caso das áreas militares, pode ter a finalidade de promover e beneficiar os falantes através de uma conversação rápida, eficaz e até sigilosa, podendo promover a segurança e defesa pessoal.

Logo, o presente trabalho tem como objetivo a realização de uma pesquisa qualitativa a respeito de investigar quais são os objetivos e motivações para o uso das gírias/jargões pelo grupo profissional dos policiais militares do Estado do Tocantins.

#### **4.6 A gíria/jargão no contexto comunicativo**

No campo da variação linguística, mais precisamente nos campos da variação geográfica e sociocultural, percebemos, então, o uso específico de palavras que, muitas vezes, são condenadas nos meios formais de uso da língua materna, gírias/jargões.

De acordo com o dicionário online Dicio, a gíria é um substantivo feminino, considerada um vocabulário momentâneo e novo, ou antigo que passa a possuir novos sentidos, usados por grupos específicos. Trata-se de um dialeto peculiar de um grupo, profissão, classe social etc. maneira de falar repleta de expressões próprias, palavras de uso restrito a grupos sociais.”

Para o dicionário Houaiss, a gíria também é um substantivo feminino. Rubrica: sociolinguística. Linguagem informal com vocabulário rico em expressões metafóricas, jocosas, elípticas e mais efêmeras que as da língua tradicional. Dialeto usado por determinado grupo social (seu processo de formação inclui acréscimo de sons ou sílabas, uso de certos códigos etc.).

Conforme o dicionário Aurélio, a gíria é um substantivo feminino, é uma linguagem peculiar àqueles que exercem a mesma profissão ou arte; jargão. Linguagem que, nascida num determinado grupo social, termina estendendo-se, por sua expressividade, à linguagem familiar de todas as camadas sociais.

Já o termo jargão, de acordo com o dicionário online Dicio, é um substantivo masculino, é uma linguagem restrita a determinado grupo profissional ou social. Linguagem de códigos que alguns grupos usam para que pessoas desconhecidas não compreendam suas conversas.

No dicionário Houaiss, o jargão também é um substantivo masculino, que é uma linguagem deliberadamente artificializada empregada pelos membros de um grupo desejoso de não ser entendido pelos não iniciados ou, simplesmente, de diferenciarem-se das demais pessoas.

Em consonância com o dicionário Aurélio, o jargão é um substantivo masculino, trata-se de uma língua peculiar de determinada profissão, grupo ou arte; gíria.

Neste trabalho, optamos por usar o termo jargão. É importante saber que o jargão, o calão e a gíria têm sido, de certa forma, uma problemática, pois hoje os três termos parecem que designam a mesma sinonímia. E de fato sim, tanto o jargão quanto o calão ou a gíria estão compartilhando do mesmo significado, mas sempre que, qualquer um destes três termos forem empregados com o mesmo objetivo, terão o mesmo significado.

Tomando como base a definição do dicionário sobre o significado das gírias, é possível observar que elas estão atreladas à história do léxico, estão presentes nos mais diversos grupos sociais e também nas mais diversas profissões que tomam seu uso para se diferenciar dos demais, dentre outros motivos que iremos citar ao longo deste trabalho. Percebemos, ao compreender as especificidades comunicativas de diferentes grupos, a necessidade do uso das gírias por diferentes grupos profissionais, e no caso dos militares não poderia ser diferente. Mais uma vez reforçamos a importância que o presente trabalho traz ao pesquisar um grupo específico no sentido de descrever termos particulares de suas escolhas lexicais e mostrar seus objetivos de uso, sejam objetivos externos, como forma de proteção ou aquisição com base num processo de entrada e pertencimento em relação ao grupo, na busca da construção de uma identidade.

Para Bakhtin (1997b, p. 124), a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da

língua, tampouco no psiquismo individual dos falantes. Logo, para o autor, a substância da língua é constituída pelo fenômeno social da interação verbal realizada através das enunciações. A língua é apresentada por Bakhtin não como objeto abstrato, todavia como atividade social, fundada nas necessidades de comunicação, assim, sua natureza é essencialmente dialógica. E esse dialogismo requer interação, compreensão, aceitação.

Para Uriel Weinreich (1926-1967), a heterogeneidade linguística está presente em qualquer comunidade de fala; é inerente ao sistema. A variação sistemática é considerada maneiras alternativas de se dizer a mesma coisa. Ou seja, a utilização das gírias vem da necessidade de se dizer uma coisa, mas se utilizando de outras palavras. Nesse sentido, no meio que pretendemos pesquisar, investigaremos as motivações para determinadas escolhas, ou seja, há motivações em relação a sigilo ou é apenas uma forma técnica de comunicação que diferencia de forma singular o grupo que a usa.

Certamente o acervo das gírias/jargões utilizados pelos militares é extensa e cada uma delas tem seu respectivo significado respeitando também o contexto ou meio de produção em que se usa cada uma. É fato que o processo de internalização das gírias acontece pelo processo de internalização proveniente do contexto social.

Para Bortoni-Ricardo (2014), em relação ao contexto social

há muitas tarefas comunicativas na vida em sociedade para as quais se exigem certos recursos de linguagem, particularmente recursos específicos de oratória e retórica. Ademais, cada campo do saber desenvolveu nos últimos séculos um léxico particular a que têm acesso somente os iniciados naquele campo de saber. Este léxico é parte importante dos recursos que viabilizam a competência no exercício de tarefas comunicativas específicas e próprias de um determinado domínio social (BORTONI-RICARDO, 2014, pág. 89).

Assim, cada comunidade de fala, cada grupo social tem sua forma específica de se comunicar. O léxico varia devido a vários fatores, conforme a região, conforme os variados grupos sociais, conforme cada profissão que utiliza de duas particularidades no processo dialógico que é a comunicação. Quando pensamos na diversidade regional brasileira, a mudança de região pode ressignificar uma palavra, ou seja, uma palavra pode ter vários significados de acordo com a

região em que ela se aplica. Além disso, as palavras variam e são ressignificadas ao longo do tempo.

Sobre a escolha deste grupo em específico para a pesquisa, reforçamos com os postulados de Labov que chamou de considerações lexicais, ao observar que algumas palavras eram objeto de mais centralização do que seria de se esperar. Essa observação vai conduzir, no desenvolvimento do modelo variacionista, à hipótese de difusão lexical, ou seja, uma mudança linguística evolui pelo ‘contágio’ de uma mudança linguística (OLIVEIRA, 1991; LABOV, 1981).

#### **4.7 Aspectos culturais e históricos do militarismo**

O termo militarismo é uma derivação do nome latino Miles, no plural militis, que quer dizer Soldado, soldados, combinado ao “ismo” que vem do grego antigo, utilizado com frequência na filosofia e política para fazer referência a algum tipo de ideologia. As ideias do militarismo já vêm de muitos séculos e elas sempre estarão atreladas a guerras. Os sinais de guerras e conflitos foram expostos pelas pinturas rupestres e puderam ser relatados a partir da invenção da escrita, ou seja, os atos de organização em grupos com finalidades de atacar outros grupos já vem de muitos anos e continuam evoluindo com a raça humana.

No Brasil, o militarismo esteve no poder durante duas oportunidades, na metade do século XIX e meados do século XX, momento em que o Brasil se tornou república os dois primeiros presidentes foram Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto. Mesmo após a saída dos governos militares do poder, os militares sempre estiveram adjuntos ao governo.

Os principais aportes do militarismo, a hierarquia e a disciplina, são bases institucionais das Forças Armadas, das Polícias Militares e do Corpo de Bombeiros Militares, onde a hierarquia militar é regida pela cadeia de comando, do superior para o subordinado. E a disciplina é o respeito mútuo pelos superiores, pela corporação e por todo o meio militar, sendo observada a ética em todo âmbito na corporação. Tanto a hierarquia quanto a disciplina devem ser respeitadas nesse meio para que haja sempre a manutenção e preservação das instituições na cadeia de comando.

A constituição de 1988 dispõe que as instituições militares são organizadas com base na hierarquia e disciplina.

Segundo Martins (1996, p. 33), "a hierarquia e disciplina militares não podem ser avessas às realidades social e política vigentes, de sorte a gerar nos quartéis uma realidade artificial divorciada da vida em sociedade."

Percebemos que se trata de uma comunidade, de certo modo, fechada, e, sendo assim, a comunicação entre os militares sempre foi algo particular entre eles. Assim, quando o civil passa ao convívio com a corporação, passa a conviver com os demais militares e automaticamente e rapidamente toma posse das gírias que o meio militar disponibiliza, num processo de imersão linguística e social, típica desse meio.

## 5 METODOLOGIA

Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa, visto que este método se ajustou de forma mais adequada ao contexto deste trabalho, permitindo as interpretações do corpus selecionado.

Para a geração de dados, foi elaborada uma entrevista com vistas a verificar se há o uso dos jargões militares pela comunidade pesquisada; se positivo, quais jargões e seus contextos de uso; além de verificar o processo de identificação da comunidade de pesquisa em relação aos usos dos jargões. O questionário contém cinco questões e foi enviado via *whatsapp*, visto o momento de pandemia que enfrentamos no momento da entrevista, que respeitou o distanciamento social. Após sua realização, foi elaborada uma tabela para melhor visualização dos informantes, visto que foram entrevistadas 32 pessoas no total, sendo 25 pessoas pertencentes ao sexo masculino e 7 pessoas do sexo feminino, que possuem graus diferentes na polícia, que vão de Soldado até Subtenente, além de tempo de serviço também diferenciados, de 6(seis) a 30 anos de serviço ativo na Polícia Militar do Estado do Tocantins. Além da idade variável dos participantes, que foi de 27 anos a 49 anos.

A partir das respostas, foram elaborados dois gráficos com os resultados das perguntas iniciais, além de uma tabela com os jargões mais utilizados pelo grupo pesquisado e as interpretações referentes às questões subjetivas, que se referem às escolhas linguísticas, motivações de uso e aceitação dessas escolhas no grupo.

A tabela a seguir evidencia o perfil dos informantes que participaram da pesquisa.

**Tabela 1.** Perfil dos informantes

<b>Informante</b>	<b>Sexo</b>	<b>Idade</b>	<b>Posto/ graduação</b>	<b>Tempo de Profissão</b>
1	<b>Feminino</b>	36 anos	3° Sargento	16 anos
2	<b>Feminino</b>	37 anos	3° Sargento	14 anos
3	<b>Feminino</b>	30 anos	Soldado	6 anos
4	<b>Feminino</b>	44 anos	3° Sargento	16 anos
5	<b>Feminino</b>	35 anos	3° Sargento	16 anos
6	<b>Feminino</b>	45 anos	2° Sargento	19 anos
7	<b>Feminino</b>	30 anos	Soldado	6 anos
8	<b>Masculino</b>	28 anos	Soldado	6 anos
9	<b>Masculino</b>	28 anos	Soldado	6 anos
10	<b>Masculino</b>	31 anos	Soldado	6 anos
11	<b>Masculino</b>	27 anos	Soldado	6 anos
12	<b>Masculino</b>	32 anos	Soldado	6 anos
13	<b>Masculino</b>	28 anos	Soldado	6 anos
14	<b>Masculino</b>	30 anos	Soldado	6 anos
15	<b>Masculino</b>	35 anos	3° Sargento	15 anos
16	<b>Masculino</b>	39 anos	3° Sargento	13 anos
17	<b>Masculino</b>	40 anos	1° Sargento	20 Anos
18	<b>Masculino</b>	44 anos	2° Sargento	20 anos
19	<b>Masculino</b>	37 anos	3° Sargento	14 anos
20	<b>Masculino</b>	39 anos	3° Sargento	13 Anos
21	<b>Masculino</b>	33 anos	Soldado	6 anos
22	<b>Masculino</b>	35 anos	3° Sargento	14 anos
23	<b>Masculino</b>	29 anos	Soldado	6 anos
24	<b>Masculino</b>	27 anos	Soldado	7 anos
25	<b>Masculino</b>	28 anos	Soldado	7 anos



<b>26</b>	<b>Masculino</b>	29 anos	Soldado	6 anos
<b>27</b>	<b>Masculino</b>	36 anos	Soldado	6 anos
<b>28</b>	<b>Masculino</b>	28 anos	Soldado	6 anos
<b>29</b>	<b>Masculino</b>	31 anos	Soldado	6 anos
<b>30</b>	<b>Masculino</b>	49 anos	Subtenente	30 anos
<b>31</b>	<b>Masculino</b>	35 anos	Soldado	6 anos
<b>32</b>	<b>Masculino</b>	49 anos	2º Sargento	20 Anos

**Fonte:** Elaboração do autor.

Esta pesquisa, de caráter sincrônico, busca retratar questões linguísticas, com vistas a valorizar as variações linguísticas do português brasileiro.

## **6 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS**

No sentido de mostrar o processo de variação linguística no meio militar e evidenciar o dinamismo linguístico nesta comunidade, o grupo de policiais militares do 6 batalhão da Polícia Militar de Palmas-TO, realizamos uma entrevista com 32 policiais, 25 do sexo masculino e 7 do sexo feminino, de idade entre 27 a 49 anos, com patentes e tempo de profissão bem diferentes.

Sobre essa diferença de número entre homens e mulheres, justificamos que essa diferença é decorrente do número de porcentagem de vagas no concurso da polícia, que é reduzido para as mulheres, apenas 10% do total de vagas oferecidas. Nesse meio, é comum o número menor de mulheres na corporação, visto o número de vagas reduzido para o público feminino e a PMTO, quando realiza concursos públicos, destina somente 10% das vagas para esse público: “As vagas para ingresso na Corporação, destinadas ao sexo feminino, são limitadas a 10% do total disponibilizado no concurso público.” (ARTIGO 11º, inciso 10º).

Apesar da diferença significativa no número de participantes homens e mulheres, não percebemos diferenças sobre as concepções de uso dos jargões. Tanto homens como mulheres se apresentaram receptivos no sentido de admitirem que usam jargões e admitiram que esse uso marca de modo especial o grupo.

O fator idade também nos chama atenção. O participante mais jovem tem 27 anos e o mais velho 49 anos. Quando falamos do uso de gírias ou jargões, já ligamos esse uso a grupos mais jovens. Como neste espaço, o uso dos jargões foi

pesquisado numa comunidade específica, percebemos que, independentemente da idade dos participantes, o jargão é utilizado com muita frequência por alguns e às vezes por outros. Apesar do meio militar ser visto como espaço tradicional, o uso de uma linguagem específica é visto por eles como um processo natural.

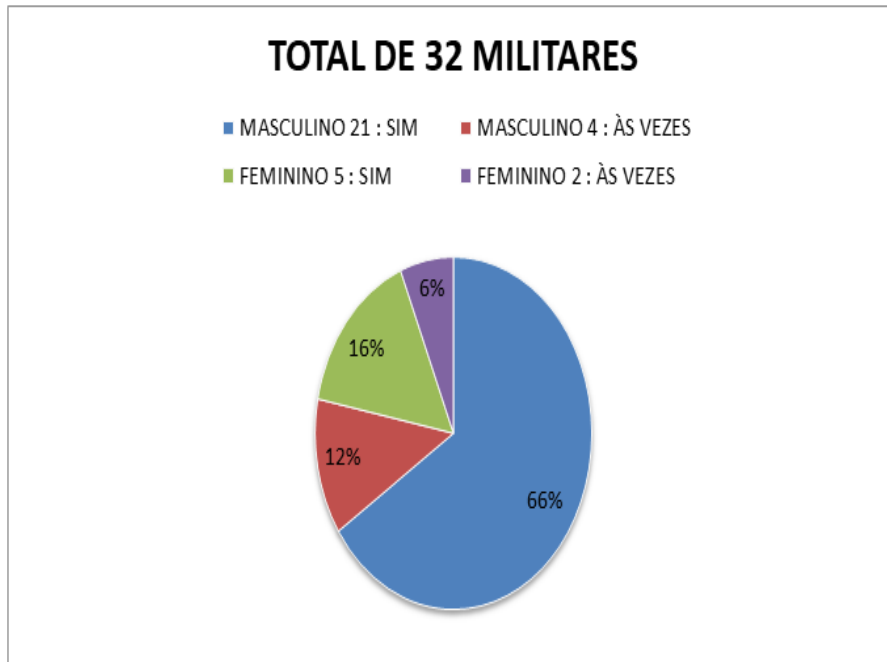
Citamos anteriormente o fator idade e pesquisamos as patentes e tempo de serviço também. Sobre o tempo de serviço, há militares com seis (anos) de trabalho a 30 na corporação. Essa pesquisa evidenciou que esses fatores não interferem nas percepções dos militares em relação ao uso dos jargões. Independente do fator idade, patente e tempo de profissão, o uso dos jargões é aceito e bem visto pelo grupo. O que acreditamos que pode acontecer é o processo de renovação lexical, no sentido dos militares mais jovens apresentarem novas expressões para os grupos mais velhos, contribuindo assim para a inovação e variação linguística.

Esse fator da inovação pode acontecer também no meio civil, visto que alguns militares admitiram usar os jargões no ambiente profissional e na vida social/pessoal também. Assim, os termos utilizados por esse grupo podem migrar para uso de uma outra comunidade externa e esses termos, que geralmente são muito específicos, passam a fazer parte do contexto de uso de outras pessoas também. É inevitável então que, com o tempo e convívio, membros que não fazem parte desse meio profissional, passem a fazer uso de alguns jargões de forma gradativa e natural.

Sobre o questionário aplicado, a primeira questão é referente à confirmação de uso de jargões no ambiente de trabalho. Dos entrevistados, 21 militares homens responderam que SIM, totalizando 66% do total de entrevistados e 6 (seis) responderam que utilizam de vez em quando os jargões no ambiente de trabalho, totalizando 12% dos entrevistados. Cinco das sete mulheres responderam que SIM, totalizando 16% dos entrevistados e duas responderam que às vezes utilizam os jargões no ambiente de trabalho, no total de 6% dos entrevistados. Dos 25 (vinte e cinco) homens entrevistados, 21 responderam que utilizam os jargões em seu ambiente de trabalho e 4 (quatro) responderam que às vezes fazem uso.

O gráfico abaixo mostra o resultado da primeira pergunta, que compreende o objetivo principal deste trabalho, que é de confirmar o uso de jargões pela comunidade militar pesquisada.

**Gráfico 1.** Respostas da primeira questão.

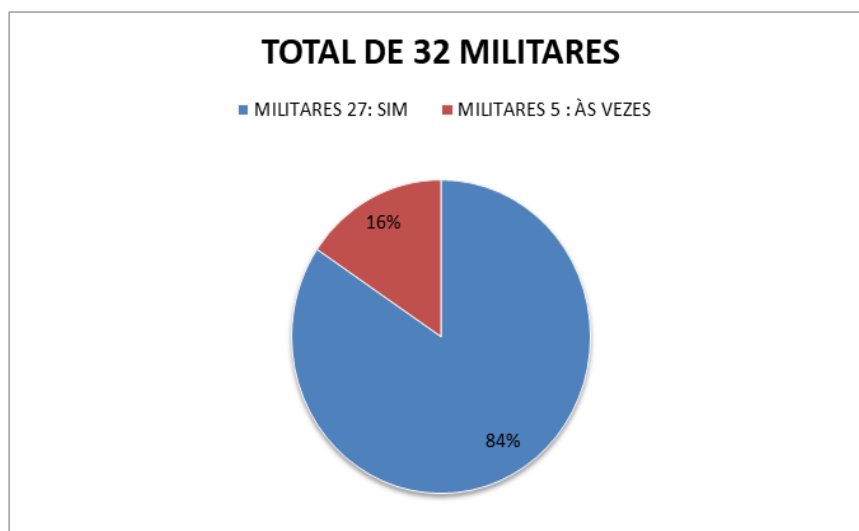


**Fonte:** Elaboração do autor.

Podemos confirmar, então, o uso de jargões pela maioria dos entrevistados. E os que não confirmaram de início esse uso, admitiram usar de vez em quando, tanto os entrevistados homens quanto mulheres.

A segunda questão se refere sobre a questão dos jargões citados serem conhecidos por todos os integrantes do grupo. Do total de 32 entrevistados, 27 responderam positivamente, totalizando 84%; e cinco responderam que a maioria dos militares tem o conhecimento dos jargões, totalizando 16% dos entrevistados.

**Gráfico 2.** Respostas da segunda questão.



**Fonte:** Elaboração do autor.

Das sete (7) mulheres entrevistadas, todas responderam que os jargões são conhecidos por todos os integrantes do grupo militar. Com esse resultado, percebemos que a maioria trata com naturalidade o uso dos jargões e afirmam positivamente sobre sua circulação nesse meio.

A questão número 3 solicita exemplos e contextos de uso dos jargões, caso eles sejam utilizados pelos informantes.

Do universo de 32 entrevistados, todos os militares responderam que Sim e listaram exemplos citando de alguns jargões que têm mais uso recorrente no dia a dia da vida militar e até mesmo no convívio social, além de explicar os significados de cada jargão mencionado como por exemplo: "BIZU" que foi um dos jargões mais citados, que tem o significado em "dar uma dica para alguém, um conselho". Outro exemplo foi o jargão "TÁ NILL ou NILL", que tem o significado de que está tranquilo o local ou a situação está sob controle. Isso porque a profissão militar é uma profissão de risco constante e os militares devem sempre estar atentos a todas as situações, por isso este jargão tem o uso bem recorrente.

A tabela abaixo apresenta alguns dos principais jargões que são mais utilizados pelos informantes da pesquisa.

**Tabela 2.** Lista dos jargões mais utilizados pelos militares e seus significados

<b>1-"New ou Nill"</b>	<b>utilizado como um adjetivo, para responder situações em que está tranquilo, calmo, ok e etc.</b>
<b>2-"QBU"</b>	<b>utilizado para falar que uma pessoa é doida ou que está fora do normal.</b>
<b>3-"Stive"</b>	<b>Se refere como um pronome de tratamento quando queremos chamar atenção de uma determinada pessoa, utilizado nas mais diversas ocorrências.</b>
<b>4-Hop</b>	<b>(em vários momentos para saudar um colega ou responder uma saudação ).</b>
<b>5- Hop, Hop!!!!</b>	<b>Usado quando quero chamar a atenção do guerreiro rapidamente.</b>
<b>6-SITUAÇÃO:</b>	<b>Alguma coisa para ver, uma ação complexa de conhecimento mútuo</b>

	que se resume em uma palavra.
7-Tá disnil aqui.	Ou seja, quer dizer que deu errado aqui.
8-Caxias	Refere se a algum militar com conduta alinhada.
9- "Fulano tá voando" ou "Ele é Voador"	Quando a pessoa não entende ou não estar a par de uma informação
10-QAP	Quando estamos prontos para agir numa determinada situação.
11-Saf	Quando alguém ou um militar é desenrolado para diversas situações.
12-Padrão	Quando alguém ou militar é uma pessoa Alinhada, faz certo as coisas.
13- Acochambrão	preguiçoso.
14- Moita	Significa que o militar se esconde para determinada situação.
15- torar	É quando o militar está de serviço e por algum motivo ele dorme. Aí dizem que ele está Torando.

**Fonte:** Elaboração do autor.

Já a questão de número 4, refere-se à situação de inserção de um novo membro no grupo militar. Foi perguntado se quando há a entrada de um novo membro no grupo, se há alguma dificuldade de aquisição dos jargões já utilizados no meio. Como respostas, de um modo geral, os participantes responderam que é um processo de adaptação e que todos que se inserem no meio militar passam por ele, inicialmente no curso de formação e no convívio da rotina de trabalho. Então o processo de aquisição dos jargões ocorre naturalmente.

Já a questão de número 5 se refere ao sentimento de pertencimento proporcionado pelo uso dos jargões militares nessa comunidade de fala. Obtivemos respostas na mesma linha de interpretação, em que os membros pesquisados admitiram que o uso dos jargões marca o grupo de modo especial, gerando um

sentimento de pertencimento em relação ao grupo. Alguns ainda admitem que têm orgulho desse sentimento de pertencimento e que utilizam os jargões no meio civil também. Eles demonstram que são militares também pelos jargões utilizados e isso os identificam de qual grupo eles pertencem na sociedade.

Os informantes, diante dessa pergunta, acreditam que os jargões podem colaborar para estimular e empolgar o grupo, diferenciá-los enquanto militares, caracterizar o grupo em relação ao tradicionalismo histórico da corporação, que os aproxima enquanto companheiros de equipe, que personalizam sua área de atuação, facilitam o diálogo entre os pares, além de estreitar os laços entre os membros da corporação.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Mostramos nesta pesquisa os usos dos jargões de membros de soldados do 6º Batalhão da Polícia Militar do Tocantins. Este estudo mostrou que os jargões fazem parte desse meio, visto que, de 32 entrevistados, somando homens e mulheres, 26 responderam positivamente sobre esse uso e sobre a questão de reconhecimento dos jargões pelo grupo, 27 responderam que todos os militares reconhecem os jargões. Essas perguntas iniciais confirmam que, nesse meio, há o uso de um vocabulário específico no ambiente de trabalho, confirmando o dinamismo linguístico existente entre os diferentes grupos.

Os resultados mostraram que os jargões são usados no processo comunicativo de homens e mulheres, no meio militar e civil também. Foi percebido que há uso e valorização dos jargões enquanto marcadores de identidade desse grupo. Além do uso dentro da corporação, alguns participantes enfatizaram também que os jargões podem ser usados fora do ambiente de trabalho, migrando para outros ambientes de comunicação. Esse movimento de contato linguístico e uso dos jargões militares com a comunidade externa confirma as teorias utilizadas neste trabalho, confirmando o processo variacionista e mostrando o quanto a língua é dinâmica e variável.

Através desta pesquisa, além de confirmar o uso dos jargões pelos militares, foi possível listar vários usos e seus significados, contribuindo para mostrar as variações linguísticas e a riqueza lexical dessa corporação. Nesse sentido, esta pesquisa pode mostrar as peculiaridades linguísticas deste grupo em específico e confirmar as teorias variacionistas, no sentido de mostrar que a língua pode sofrer

variações históricas, geográficas e socioculturais. Os jargões utilizados hoje por esse grupo podem sofrer modificações ao longo do tempo, alguns podem deixar de existir, outros vão surgindo, assim como os jargões utilizados por este grupo em Palmas-TO podem ser muito diferentes daqueles utilizados por outros grupos pertencentes a localizações geográficas distintas.

Mostramos então que, por ser dinâmica, social e mutável, as escolhas linguísticas vão se adaptando às necessidades de uso de cada grupo, inclusive no meio militar.

Neste trabalho conseguimos mostrar também o sentimento dos participantes da pesquisa em relação ao uso dos jargões. Quando perguntamos sobre considerar os jargões uma forma de marcar especialmente o grupo, criando uma identidade específica ou sentimento de pertencimento, a maioria dos participantes declarou que sim, que essas especificidades motivam, caracterizam o grupo, marcam o grupo como uma identidade, personalizam sua área de atuação. Percebemos também que, quando há a entrada de um novo membro no grupo, existe um processo gradual de adaptação e período de aquisição dos novos termos que circulam nesse meio.

Reforçamos que, nesta pesquisa, foi realizado um estudo sincrônico de uma comunidade específica, mostrando usos e motivações de uso. Sugerimos futuras pesquisas no sentido de acompanhar a ampliação dos vocábulos coletados neste trabalho, no sentido de evidenciar a variação e mudança linguísticas.

## REFERÊNCIAS:

- AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro**. São Paulo: Parábola editorial, 2009.
- BAGNO, Marcos. **Nada da Língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, Marcos. **A norma culta: língua & poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BEZERRA, M. A. (20 de janeiro de 2000). **A gíria: do registro coloquial ao registro formal**. Disponível em: <filologia: [http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ03\\_37-51.html](http://www.filologia.org.br/anais/anais%20iv/civ03_37-51.html)>. Acesso em: 11 de julho de 2020.
- BORTONI- RICARDO, Stella Maris. **Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.
- CAMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- CORREIA, Jonas. **Introdução ao vocabulário de gíria militar**. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura, 1961.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- GONZÁLEZ, Félix Rodríguez. (2005) **Diccionario de terminología y argot militar**. Madrid: Verbum, 2005.
- GUSMÃO, Célia Regina Rodrigues. **O linguajar verde-oliva**. Curitiba: Prismas, 2016.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LOUREIRO, Ythalo Frota (outubro de 2004). **Princípios da hierarquia e da disciplina aplicados às instituições militares**. Disponível em :<Juns.com.br:<https://jus.com.br/artigos/5867/principios-da-hierarquia-e-da-disciplina-aplicados-as-instituicoes-militares>>. Acesso em: 05 de abril de 2020.



LEVINSON, Stephen C. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

TRAJANO, Gisele. “Investigando a metáfora “a vida é uma guerra” no linguajar marinho”. In: Revista de Villegagnon. Nr 2, ano. Rio de Janeiro: Escola Naval. 87-93, 2007.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza,(orgs). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto,2003.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança Linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011. Disponível em:<[http://www.uesc.br/eventos/iconlireanais/iconlire\\_anais/anais-53.pdf](http://www.uesc.br/eventos/iconlireanais/iconlire_anais/anais-53.pdf)>. Acesso em: 15 de abril de 2020.

PATRIOTA, L. M. (03 de outubro de 2006). **Atitudes linguísticas frente às gírias: o preconceito**.Disponível em:<[http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC\\_2007/trabalhos/artes/epg/EPG00029\\_01O.pdf](http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2007/trabalhos/artes/epg/EPG00029_01O.pdf)>. Acesso em: 10 de Maio de 2020.

SILVA, E. V. . **A pesquisa sociolinguística: a teoria da variação**. Revista da Academia Brasileira de Filologia, v. IX, p. 49-58, 2011.Diálogo, v. 21. (2011). Disponível em:<<https://dialogo-americas.com/pt/articles/dominio-de-idiommas-e-vital-para-o-sucesso-miliar>>. Acesso em 02 Set. 2019.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

UCHÔA, C. E. (01 de dezembro de 2005). **Mattoso Câmara e a Língua Oral**. Disponível em:<[http://www.uesc.br/eventos/iconlireanais/iconlire\\_anais/anais-53.pdf](http://www.uesc.br/eventos/iconlireanais/iconlire_anais/anais-53.pdf)>. Acesso em 02 Set. 2019.

WEISS, Elisabeth Sumbercki. **Variação linguística: O jargão militar no colégio militar de Porto Alegre**.Uniritter,2014. Disponível em:<[https://www.uniritter.edu.br/uploads/eventos/sepesq/x\\_sepesq/arquivos\\_trabalhos/2968/291/278.pdf](https://www.uniritter.edu.br/uploads/eventos/sepesq/x_sepesq/arquivos_trabalhos/2968/291/278.pdf)>. Acesso em: 01 de abril de 2020.

## Anexos

### 1- Militar

A língua utilizada no processo de comunicação é muito dinâmica. Esse dinamismo faz com que diferentes grupos, inseridos em contextos geográficos, socioculturais, situacionais e profissionais diversificados usem termos que os especifique linguisticamente. E esse processo de variação linguística sempre foi alvo de estudos de diferentes áreas da linguística, como a sociolinguística, que investiga as variações nas comunidades de fala. Assim, esta pesquisa consiste em conhecer o uso do jargão militar, utilizado pelos membros do 6º Batalhão da Polícia Militar de Palmas-TO. É importante ressaltar que os participantes não serão identificados no trabalho. Somente os dados sobre o uso do jargão serão utilizados na pesquisa.

Instruções:

- As perguntas podem ser respondidas por escrito ou por áudio.
- Independente da forma de escolha de resposta, escreva ou fale o número da questão que está sendo respondida para que possamos organizar posteriormente os dados coletados.

Desde já agradecemos sua participação!

Informações gerais:

Idade: 36 anos

Sexo: Feminino

Posto/graduação: 3º Sargento

Tempo de profissão militar: 16 anos

Questionário:

1- Você utiliza jargões no seu trabalho? ( ) Sim ( ) Não ( x ) Às vezes

2- Os jargões militares utilizados são conhecidos por todos os integrantes do grupo?

R- pela maioria

3- Caso você utilize jargões, pode citar alguns exemplos e explicar em quais contextos/momentos eles são usados?

É - Moita: utilizado para PM que é pouco visto ou quieto;

- Pagar: usado quando fazemos algum tipo de exercícios físicos (flexão de braços) como forma de punição, comemoração ou

- AZM: quando se é escalado em um serviço considerado ruim e significa azar militar;

- Se acusa: expressão usada para pedir que outra pessoa se prontifique para algo.

4- Quando há a inserção de um novo membro no grupo, pode haver alguma dificuldade de aquisição dos jargões já utilizados no meio?

R - Acredito que não, porque a inserção na corporação é feita de forma gradativa através de cursos de formação, o que já ambienta os novos membros com a rotina policial militar.

5- Você considera que os jargões utilizados pelo grupo marcam de modo especial esse grupo, criando uma identidade específica ou um sentimento de pertencimento a essa comunidade de fala? Explique.

R- Sim, acredito que tudo aquilo que nos diferencia de um contexto geral e nos aproxima de um subgrupo nos faz ter a sensação de pertencimento e identificação.

2- Militar

Informações gerais:

Idade: 37 anos

Sexo: Feminino

Posto/ graduação 3º Sargento

Tempo de profissão: 14 anos

Questionário:

1 - Sim.

2- Sim.

3- Bizonho = inexperiente, burro

Bizu = Dica

Mocorongo = não sabe dos palpites, bizonho

Mulambo = mal feito, mal vestido.

Safo = Militar bom no que faz, experiente

4- Sim, nós seres humanos somos resistentes à mudança e Td que novo precisa de processo para adaptação.

5- Não classificaria como especial, mas sim diferenciado e conseqüente temos a nossa identidade que facilmente é identificado que somos militares. Mas não o que falamos na íntegra.

## 3- Militar

Informações gerais:

Idade: 30 anos

Sexo: Feminino

Posto/graduação: Soldado

Tempo de profissão militar: 6 anos

Questionário:

1- Você utiliza jargões no seu trabalho? (x) Sim ( ) Não ( ) Às vezes

2- Os jargões militares utilizados são conhecidos por todos os integrantes do grupo? Sim

3- Caso você utilize jargões, pode citar alguns exemplos e explicar em quais contextos/momentos eles são usados?

Moita, torar, mulambo, se acusa, pagar dez, nil, nil total, bizu, caga, barro, baixaria, bizonho, sanhaço, caserna, pz, tá osso, sugado, ponderando, voador, piruar, piruar errado, última forma, safo, melindroso, stive, stivado, Mike, etc....

4- Quando há a inserção de um novo membro no grupo, pode haver alguma dificuldade de aquisição dos jargões já utilizados no meio?

Um pouco, mas devido à convivência logo ele se adapta.

5- Você considera que os jargões utilizados pelo grupo marcam de modo especial esse grupo, criando uma identidade específica ou um sentimento de pertencimento a essa comunidade de fala? Explique.

Acredito que sim. Somos conhecidos muitas vezes pelos jargões que utilizamos. Até mesmo na nossa convivência familiar e social utilizamos muitos jargões militares.

## 4- Militar

Informações gerais:

Idade: 44 anos

Sexo: Feminino

Posto/graduação: 3º Sargento

Tempo de profissão

Militar: 16a 11m e 14dias

Questionário:

1- Você utiliza

Jargões no seu trabalho? (x) Sim ( ) Não ( ) Às vezes

2- Os jargões militares utilizados são conhecidos por todos os integrantes do grupo? Barca, bizu, colou as placas

3- Caso você utilize jargões, pode citar alguns exemplos e explicar em quais contextos/momentos eles são usados?

\* Quando temos uma informação que está girando usamos bizu, com relação a viatura chamamos de barca e quando alguém fica sem ação ou sem reação dizemos colou as placas.

4- Quando há a inserção de um novo membro no grupo, pode haver alguma dificuldade de aquisição dos jargões já utilizados no meio? Não.

5- Você considera que os jargões utilizados pelo grupo marcam de modo especial esse grupo, criando uma identidade específica ou um sentimento de pertencimento a essa comunidade de fala? Acredito que sim, identifica e facilita o diálogo entre os componentes do grupo.

5- Militar

Informações gerais:

Idade: 35 anos

Sexo: Feminino

Posto/graduação: 3º Sargento

Tempo de profissão

Militar: 16 anos

Questionário:

1- Você utiliza

Jargões no seu trabalho? (X) Sim ( ) Não ( ) Às vezes

2- Os jargões os militares utilizados são conhecidos por todos os integrantes do grupo? Sim

3- Caso você utilize jargões, pode citar alguns exemplos e explicar em quais contextos/momentos eles são usados? Qual é o bizu? Para saber das novidades; aquele ali tá bizerado, para falar de quem sabe da informação; QBU Full, alguém totalmente doído.

E aí Stive? Cumprimento a um colega.

4- Quando há a inserção de um novo membro no grupo, pode haver alguma dificuldade de aquisição dos jargões já utilizados no meio? O colega já se adequa logo e passa a utilizar.

5- Você considera que os jargões utilizados pelo grupo marcam de modo especial esse grupo, criando uma identidade específica ou um sentimento de pertencimento a essa comunidade de fala? Explique.

Sim. Os jargões servem de alternativa para estreitar os laços do grupo. Individualizando esse grupo é aumentando a união do grupo.

6- Militar

Informações gerais:

Idade: 45 anos

Sexo: Feminino

Posto/graduação: 2º Sargento

Tempo de profissão

Militar: 19 anos 11 meses

Questionário:

1- Você utiliza jargões no seu trabalho? ( ) Sim ( ) Não ( x ) Às vezes

2- Os jargões militares utilizados são conhecidos por todos os integrantes do grupo? R: Sim

3- Caso você utilize jargões, pode citar alguns exemplos e explicar em quais contextos/momentos eles são usados? Hooooope, em situação de chamamento

4- Quando há a inserção de um novo membro no grupo, pode haver alguma dificuldade de aquisição dos jargões já utilizados no meio? Não

5- Você considera que os jargões utilizados pelo grupo marcam de modo especial esse grupo, criando uma identidade específica ou um sentimento de pertencimento a essa comunidade de fala? Sim

Explique. Tem jargões que são inerentes à comunidade de fala tais como: stive, hooope.

7- Militar

Informações gerais:

Idade: 30 anos

Sexo: Feminino

Posto/graduação: Soldado

Tempo de profissão

Militar: 6 anos

Questionário:

1- Você utiliza jargões no seu trabalho?

(x) Sim ( ) Não ( ) Às vezes

2- Os jargões militares utilizados são conhecidos por todos os integrantes do grupo?

Sim

3- Caso você utilize jargões, pode citar alguns exemplos e explicar em quais contextos/momentos eles são usados? Qbu. Quando se fala de algum doido

4- Quando há a inserção de um novo membro no grupo, pode haver alguma dificuldade de aquisição dos jargões já utilizados no meio? Sim.

5- Você considera que os jargões utilizados pelo grupo marcam de modo especial esse grupo, criando uma identidade específica ou um sentimento de pertencimento a essa comunidade de fala? Explique. Sim.

É uma linguagem específica que caracteriza um grupo. Dá uma identidade àquele grupo .

8- Militar

Informações gerais:

Idade: 28 anos

Sexo: Masculino

Posto/ graduação: Soldado

Tempo de serviço militar: 6 anos

Questionário:

1- Sim.

2- Sim. Mano quando for ver você já falou e é automático.

3- São tantos: cara bizonho, tá torando, geladeira preta, coxambrão,

4- Não é todo mundo que pega de cara não, leva um tempinho para se acostumar.

5- Acredito que sim, porque não se vê isso em qualquer grupo de pessoas. Tipo, tem uns três grupos de pessoas ali conversando quando nós militares estamos falando os demais que não fazem parte ficam sem entender o que se passa e isso é muito massa porque mostra quem somos.

9- Militar

Informações gerais:

Idade: 28 anos

Sexo: Masculino

Posto/ graduação: Soldado

Tempo de profissão militar: 6 anos

Questionário:

1- Sim.

2- Praticamente todos.

3- "Paizano" civil ou militar quando está sem a farda; "bizu" significa "dica"; "Brasil" é equivalente a "positivo"; "Moita" quer dizer que o militar tenta não ser percebido perto dos demais; "BOM" como forma de parabenizar alguém ou comemorar; "Safo" é o militar esperto; "Cagar" pode ser usado com o significado de ignorar algo; "Mijada" é a reclamação vinda de um superior.

4- Pouca dificuldade.

5- Sim, pois há uma empolgação entre os militares ao se ouvir tais palavras, e são palavras dificilmente usadas por civis.

10- Militar

Informações gerais:

Idade: 31 anos

Sexo: Masculino

Posto/graduação: Soldado

Tempo de profissão militar: 6 anos

Questionário:

1- Você utiliza jargões no seu trabalho? (x) Sim ( ) Não ( ) Às vezes

2- Os jargões militares utilizados são conhecidos por todos os integrantes do grupo? Sim.

3- Caso você utilize jargões, pode citar alguns exemplos e explicar em quais contextos/momentos eles são usados? "Stive" se refere como um pronome de tratamento quando queremos chamar atenção de uma determinada pessoa, utilizado nas mais diversas ocorrências.

"New ou Nill" utilizado como um adjetivo, para responder situações em que está tranquilo, calmo, ok e etc.

"QBU" utilizado para falar que uma pessoa é doida ou que está fora do normal.



4- Quando há a inserção de um novo membro no grupo, pode haver alguma dificuldade de aquisição dos jargões já utilizados no meio? Sim

5- Você considera que os jargões utilizados pelo grupo marcam de modo especial esse grupo, criando uma identidade específica ou um sentimento de pertencimento a essa comunidade de fala? Sim Explique. Como são jargões bem específicos, criou-se uma identidade dentro do grupo. Isso é tão notório que em determinadas situações você consegue identificar um colega de serviço só através dos jargões.

11- Militar

Informações gerais:

Idade: 27 anos

Sexo: Masculino.

Posto/ graduação: Soldado

Tempo de profissão militar: 6 anos

Questionário:

Questão 1: Sim.

Questão 2: Sim.

Questão 4: Não, pois todos os jargões já são ensinados na academia militar.

Questão 5: Com toda certeza sim.

12- Militar

Informações gerais:

Idade: 32 anos

Sexo: Masculino.

Posto/ graduação: Soldado

Tempo de profissão militar: 6 anos

Questionário:

1- Sim.

2- Sim.

3- "Tudo pode acontecer, inclusive nada." Mostra a imprevisibilidade do nosso serviço e utilizamos quando começamos o serviço.

4- Raramente, jargões são utilizados no curso de formação.

5- Não, está no mundo militar.

13- Militar

Informações gerais:

Idade: 28 anos

Sexo: Masculino.

Posto/ graduação: Soldado

Tempo de profissão militar: 6 anos

Questionário:

1) Às vezes.

2) Sim.

3) Hop( em vários momentos para saudar um colega ou responder uma saudação ),qap( para perguntar se está pronto ou responder que está pronto) padrão( para dizer que foi muito bem a ação do colega)

5) Sim, cria um vocabulário específico é que nos torna mais próximos uns dos outros e que de uma certa forma algo que fica somente para nosso grupo específico!

14- Militar

Informações gerais:

Idade: 30 anos

Sexo: Masculino

Posto/graduação: Soldado

Tempo de profissão militar: 06 anos

Questionário:

1- Você utiliza jargões no seu trabalho? ( x )Sim ( )Não ( ) Às vezes

2- Os jargões militares utilizados são conhecidos por todos os integrantes do grupo? Sim.

3- Caso você utilize jargões, pode citar alguns exemplos e explicar em quais contextos/momentos eles são usados? Stive- este é utilizado quando em abordagem, pode ser com finalidade de não ficar falando o nome dos integrantes, ou mesmo pelo costume.

4- Quando há a inserção de um novo membro no grupo, pode haver alguma dificuldade de aquisição dos jargões já utilizados no meio? Não existe tanta dificuldade, pois, mesmo pra entrar na instituição ou depois em algum grupo dentro dela antes são inculcados esses jargões, já no curso de formação ou especialização.

5- Você considera que os jargões utilizados pelo grupo marcam de modo especial esse grupo, criando uma identidade específica ou um sentimento de pertencimento a essa comunidade de fala? Explique. Sim, é inegável que cada grupo tem uma identidade marcante, e apesar de poucos mais existe uma linguagem marcante, mesmo sendo poucas as palavras, mas existe essa diferenciação.

15- Militar

Informações gerais:

Idade: 35 anos

Sexo: Masculino

Posto/graduação: 3º Sargento

Tempo de profissão militar: 15 anos

Questionário:

1- Você utiliza jargões no seu trabalho? (X) Sim ( ) Não ( ) Às vezes

2- Os jargões militares utilizados são conhecidos por todos os integrantes do grupo? SIM.

3- Caso você utilize jargões, pode citar alguns exemplos e explicar em quais contextos/momentos eles são usados? - QUEM GUARDA TEM (POUPAR O MÁXIMO OS RECURSOS, POIS VC VAI PRECISAR DEPOIS).

- É PRA RIR É PRA CHORAR (QUER DIZER QUE TEM COISAS QUE É ENGRAÇADO A PRIMEIRA MÃO, MAS DEPOIS PODE FICAR RUIM).

- BOTAR PRA GERAR (FAZER O MELHOR)

4- Quando há a inserção de um novo membro no grupo, pode haver alguma dificuldade de aquisição dos jargões já utilizados no meio?

É MUITO POUCO, POIS LOGOS OS POLICIAIS JÁ APREENDERAM NOSSA LINGUAGEM.

5- Você considera que os jargões utilizados pelo grupo marcam de modo especial esse grupo, criando uma identidade específica ou um sentimento de pertencimento a essa comunidade de fala? Explique. SIM, POIS EXISTEM EXPRESSÕES QUE NORMALMENTE SÃO USADAS POR POLICIAIS VOCACIONADOS, OU SEJA, POLICIAIS QUE GOSTAM VERDADEIRAMENTE DA PROFISSÃO, E ISSO DE CERTA FORMA CONTAGIA OS DEMAIS E CRIANDO NOSSA IDENTIDADE COMO GRUPO.

## 16- Militar

Informações gerais:

Idade: 39 anos

Sexo: Masculino

Posto/graduação: 3º Sargento

Tempo de profissão militar: 13 anos

Questionário:

- 1- Você utiliza jargões no seu trabalho? ( x )Sim ( )Não ( ) Às vezes
- 2- Os jargões militares utilizados são conhecidos por todos os integrantes do grupo? Sim
- 3- Caso você utilize jargões, pode citar alguns exemplos e explicar em quais contextos/momentos eles são usados?

Chamamento stive

- 4- Quando há a inserção de um novo membro no grupo, pode haver alguma dificuldade de aquisição dos jargões já utilizados no meio? Não
- 5- Você considera que os jargões utilizados pelo grupo marcam de modo especial esse grupo, criando uma identidade específica ou um sentimento de pertencimento a essa comunidade de fala? Sim Explique. É uma forma de tratamento pelo qual o guerreiro faz parte do grupo, por isso o tratamento é o mesmo para todos.

## 17- Militar

Informações gerais:

Idade: 40 anos

Sexo: Masculino

Posto/graduação: 1º Sargento

Tempo de profissão militar: 20 Anos

Questionário:

- 1- Você utiliza jargões no seu trabalho? (x) Sim ( )Não ( ) Às vezes
- 2- Os jargões militares utilizados são conhecidos por todos os integrantes do grupo?
- 3- Caso você utilize jargões, pode citar alguns exemplos e explicar em quais contextos/momentos eles são usados?

- Hop, Hop!!!! Usado quando quero chamar a atenção do guerreiro rapidamente.

4- Quando há a inserção de um novo membro no grupo, pode haver alguma dificuldade de aquisição dos jargões já utilizados no meio?

- Não.

5- Você considera que os jargões utilizados pelo grupo marcam de modo especial esse grupo, criando uma identidade específica ou um sentimento de pertencimento a essa comunidade de fala? Explique.

- Sim, acredito ser importante para o meio de convivência em um grupo, no caso o meu a PMTO.

18- Militar

Informações gerais:

Idade: 44 anos

Sexo: Masculino

Posto/graduação: 2º Sargento

Tempo de profissão militar: 20 anos

Questionário:

1-Sim.

2- Sim.

3-Tá nil Stive (tá tranquilo colega).

4 - Sim.

5- sim. Jargões identificam e personalizam sua área de atuação.

19- militar

A língua utilizada no processo de comunicação é muito dinâmica. Esse dinamismo faz com que diferentes grupos, inseridos em contextos geográficos, socioculturais, situacionais e profissionais diversificados usem termos que os especifique linguisticamente. E esse processo de variação linguística sempre foi alvo de estudos de diferentes áreas da linguística, como a sociolinguística, que investiga as variações nas comunidades de fala. Assim, esta pesquisa consiste em conhecer o uso do jargão militar, utilizado pelos membros do 6º Batalhão da Polícia Militar de Palmas-TO. É importante ressaltar que os participantes não serão identificados no trabalho. Somente os dados sobre o uso do jargão serão utilizados na pesquisa.

Instruções:

- As perguntas podem ser respondidas por escrito ou por áudio.

- Independente da forma de escolha de resposta, escreva ou fale o número da questão que está sendo respondida para que possamos organizar posteriormente os dados coletados.

Desde já agradecemos sua participação!

Informações gerais:

Idade: 37 anos

Sexo: Masculino

Posto/graduação: 3º Sargento

Tempo de profissão militar: 14 anos

Questionário:

1- Você utiliza jargões no seu trabalho? (x) Sim ( ) Não ( ) Às vezes

2- Os jargões militares utilizados são conhecidos por todos os integrantes do grupo? Sim

3- Caso você utilize jargões, pode citar alguns exemplos e explicar em quais contextos/momentos eles são usados?

“Mocorongo” quando estou entre amigos e quero chamar alguém de “burro”

“Qbu” quando quero dizer que alguém não é normal

4- Quando há a inserção de um novo membro no grupo, pode haver alguma dificuldade de aquisição dos jargões já utilizados no meio?

Pode sim, mas o meio faz com que ele se acostume e se adapte ao linguajar.

5- Você considera que os jargões utilizados pelo grupo marcam de modo especial esse grupo, criando uma identidade específica ou um sentimento de pertencimento a essa comunidade de fala? Explique.

Sim, Porque é característica do grupo. Como se fosse uma identidade adquirida há décadas.

20- Militar

Informações gerais:

Idade: 39 anos

Sexo: Masculino

Posto/graduação: 3º Sargento

Tempo de profissão militar: 13 Anos

Questionário:

1- Você utiliza jargões no seu trabalho? ( )Sim ( )Não (x) Às vezes

2- Os jargões militares utilizados são conhecidos por todos os integrantes do grupo?

Sim.

3- Caso você utilize jargões, pode citar alguns exemplos e explicar em quais contextos/momentos eles são usados? Bizu, catatal, voador.

4- Quando há a inserção de um novo membro no grupo, pode haver alguma dificuldade de aquisição dos jargões já utilizados no meio? Não.

5- Você considera que os jargões utilizados pelo grupo marcam de modo especial esse grupo, criando uma identidade específica ou um sentimento de pertencimento a essa comunidade de fala? Explique. Sim, em razão de serem expressões tipicamente militares, e quando se fala fora do nosso meio, de imediato já se imagina que pertenceu ou pretende pertencer ao nosso meio.

21- Militar

Informações gerais:

Idade: 33 anos

Tempo de profissão militar: 6 anos

Sexo: Masculino

Posto/graduação: Soldado

Questionário:

1- Sim.

2- A maioria.

3- Não me lembro de nenhum agora.

Bizu: informações, voador (não entendeu a informação).

4- Acredito que não.

5- Sim, Os jargões ajudam na identidade do militar.

22- Militar

Informações gerais:

Idade: 35 anos

Sexo: Masculino

Posto/ graduação 3° Sargento

Tempo de serviço militar: 14 anos.

Questionário:

1- Às vezes eu utilizo os jargões no meu trabalho.

2- Sim, todos os integrantes do 6° batalhão conhecem os jargões militares. Todo mundo fala as mesmas palavras.

3- A gente utiliza de vários jargões: Bizu, Bizurado, Moita, zaralho, mulambo, piruar, mococongo, voador.

4- Não tem muita dificuldade não. Sempre que entra alguém novo no grupo já passa a conhecer os jargões (os palavreados) , mas rapidinho aprende é igual a conhecer uma língua nova. É rápido.

5- Sim, os jargões eles marcam o grupo. É igual as gírias que marcam os seus grupos por fora aí, assim o jargão marca do mesmo jeito. É a mesma coisa as gírias e os jargões militares, né? Ele marca a classe e todo mundo sabe que esse linguajar é militar.

23- Militar

Idade: 29 anos

Sexo: Masculino

Posto/ graduação: Soldado

Tempo de profissão militar: 6 anos

Questionário:

1- Sim.

2- Sim, os jargões são reconhecidos por todos dos integrantes ali do grupo que é no caso a polícia militar. Só que alguns jargões são mais específicos para um certo grupo e são falados com mais frequência em um certo grupo militar, um grupo específico tipo: a ROTAM, FORÇA TÁRICA O COE. Alguns jargões são mais inerentes para aquele grupo específico ali, mas no geral todos os jargões são utilizados pelos PM's.

3- Eu utilizo jargões tipo: Tá tudo nil ai ( nil quer dizer que está tudo certo) ou tá disnil aqui, ou seja, quer dizer que deu errado aqui. Sem novidade aqui, a situação está sem novidade, ou seja, está sem alteração e está tudo tranquilo. Evoluiu, a situação aqui evoluiu, ou seja, é uma situação que estava em um contexto normal e acaba dando merda a situação, deu zebra ou algo do tipo. São vários que a gente fala, mas esses três são os que mais a gente costuma usar.

4- Pode haver dificuldades sim, porque a pessoa vai se acostumar com aquilo, vai se habituar com aquilo, mas os jargões são para o convívio social ali do meio. De início creio que vai



estranhar, mas depois vai aprendendo, vai vendo as situações que são utilizadas e se torna algo corriqueiro na vida pessoal.

5- Eu acho que marca sim, eu acho que marca, acho que define dá uma identidade, uma característica, acho legal, acho essencial que dá uma identidade para aquele grupo ali e o diferencia de outros meio e outros grupos da sociedade e eu acho bastante interessante.

24- Militar

Informações gerais:

Idade: 27 anos

Sexo: Masculino

Posto/ graduação: Soldado PM

Tempo de serviço militar: 7 ANOS

Questionário:

1.Sim.

2.Sim.

3. STIVE: Vocativo a outro colega policial.

NIL: Tudo tranquilo, tá tudo certo, ok.

EPM: É isso mesmo! Muito bom!

SEM NOVIDADE: é isso aí, tudo bem.

PADRÃO: muito legal isso aí, boa argumentação.

HOP: E aí, blz? Salve!

SITUAÇÃO: Alguma coisa para ver, uma ação complexa de conhecimento mútuo que se resume em uma palavra.

NOVIDADE: Referência a alguma coisa ou condição.

4. Não, com o convívio acaba sendo automática a integração.

5. Sim, a fala desses jargões entre policiais militares, onde aqui se excluem as falas do código Q, permite que por vezes complexas algo extenso pode ser resumido em pequenas frases utilizando dois ou três jargões.

25- Militar

Informações gerais:

Idade: 28 anos

Sexo: Masculino

Posto/graduação: Soldado

Tempo de profissão militar: 7 Anos

Questionário:

1- Você utiliza jargões no seu trabalho? (x) Sim ( ) Não ( ) Às vezes

2- Os jargões militares utilizados são conhecidos por todos os integrantes do grupo? Sim

3- Caso você utilize jargões, pode citar alguns exemplos e explicar em quais contextos/momentos eles são usados? Caxias - Refere-se a algum militar com conduta alinhada.

Nil - Refere-se ao termo entendido/confirmação.

4- Quando há a inserção de um novo membro no grupo, pode haver alguma dificuldade de aquisição dos jargões já utilizados no meio? A adaptação é muito rápida

5- Você considera que os jargões utilizados pelo grupo marcam de modo especial esse grupo, criando uma identidade específica ou um sentimento de pertencimento a essa comunidade de fala? Explique. Sim. Os jargões são utilizados para facilitar a comunicação e dão uma sensação maior de identidade e afinidade entre os militares.

26- Militar

Informações gerais:

Idade: 29 anos

Sexo: Masculino

Posto/graduação: Soldado

Tempo de profissão militar: 6 anos e 7 meses

Questionário:

1- Você utiliza jargões no seu trabalho? ( x ) Sim ( ) Não ( ) Às vezes

2- Os jargões militares utilizados são conhecidos por todos os integrantes do grupo? Sim

3- Caso você utilize jargões, pode citar alguns exemplos e explicar em quais contextos/momentos eles são usados? Nil( pra confirmar algo),

4- Quando há a inserção de um novo membro no grupo, pode haver alguma dificuldade de aquisição dos jargões já utilizados no meio? Possivelmente

5- Você considera que os jargões utilizados pelo grupo marcam de modo especial esse grupo, criando uma identidade específica ou um sentimento de pertencimento a essa comunidade de fala? Sim Explique. Tem situações que são típicas do meio militar e dos grupos operacionais que existem dentro da polícia militar.

27- Militar

Informações gerais:

Idade: 36 anos

Sexo: Masculino

Posto/graduação: Soldado

Tempo de profissão militar: 6 anos

Questionário:

1- Você utiliza jargões no seu trabalho? (  )Sim (  )Não (  ) Às vezes

2- Os jargões militares utilizados são conhecidos por todos os integrantes do grupo? Sim

3- Caso você utilize jargões, pode citar alguns exemplos e explicar em quais contextos/momentos eles são usados? "Fulano tá voando", quando a pessoa não entende ou não está a par de uma informação.

4- Quando há a inserção de um novo membro no grupo, pode haver alguma dificuldade de aquisição dos jargões já utilizados no meio? Não

5- Você considera que os jargões utilizados pelo grupo marcam de modo especial esse grupo, criando uma identidade específica ou um sentimento de pertencimento a essa comunidade de fala? Sim Explique. Às vezes os jargões resumem uma situação cotidiana

28- Militar

Informações gerais:

Idade: 28 anos

Sexo: Masculino

Posto/graduação: Soldado

Tempo de profissão militar: 6 anos

Questionário:

1-Sim

2 -Sim.

3- Exemplo: safo, bizurado, mulambo etc . Geralmente são utilizados para facilitar o serviço.

4-Sim.

5-Sim, dentro da polícia militar os jargões são mais utilizados dentro dos grupos especializados, fortalecendo mais a identidade e a comunicação dos grupos.

29- Militar

Informações gerais:

Idade: 31 anos

Sexo: Masculino

Posto/graduação: Soldado

Tempo de profissão militar: 06 anos

Questionário:

1- Você utiliza jargões no seu trabalho? ( )Sim ( )Não ( X ) Às vezes

2- Os jargões militares utilizados são conhecidos por todos os integrantes do grupo?

Às vezes

3- Caso você utilize jargões, pode citar alguns exemplos e explicar em quais contextos/momentos eles são usados?

(Arará eventos) tudo tem sua hora.

4- Quando há a inserção de um novo membro no grupo, pode haver alguma dificuldade de aquisição dos jargões já utilizados no meio?

Sim, com certeza.

5- Você considera que os jargões utilizados pelo grupo marcam de modo especial esse grupo, criando uma identidade específica ou um sentimento de pertencimento a essa comunidade de fala? Explique.

Sim, porque mostra o entrosamento, amizade e alinhamento do grupo nas missões.

30- Militar-

Informações gerais:

Idade: 49 anos

Sexo: Masculino

Posto/graduação: Subtenente

Tempo de profissão militar: 30 anos

Questionário:

1- Você utiliza jargões no seu trabalho? (x) Sim ( ) Não ( ) Às vezes

2- Os jargões militares utilizados são conhecidos por todos os integrantes do grupo? Sim

3- Caso você utilize jargões, pode citar alguns exemplos e explicar em quais contextos/momentos eles são usados? \*QAP quando estamos prontos para agir numa determinada situação;

\*Safo- desenrolado;

\*Padrão- Alinhado;

\*Bizu- informações, dicas;

\*Caserna- quartel.

4- Quando há a inserção de um novo membro no grupo, pode haver alguma dificuldade de aquisição dos jargões já utilizados no meio? Não porque há um curso preparatório e nele já se usa linguagem militar, assim quando ele é inserido no dia a dia da corporação já está habituado.

5- Você considera que os jargões utilizados pelo grupo marcam de modo especial esse grupo, criando uma identidade específica ou um sentimento de pertencimento a essa comunidade de fala? Explique. Sim, porque são vocábulos usados especificamente pelo grupo, que de forma cria uma identidade particular a seus membros no sentido da fala, uma vez que como qualquer dialeto expressa características próprias de certo grupo de pessoas, nesse caso de uma corporação.

31-militar

Informações gerais:

Idade:35 anos

Sexo: Masculino

Posto/graduação: Soldado

Tempo de profissão militar: 6 anos

Questionário:

1- Você utiliza jargões no seu trabalho? ( x )Sim ( ) Não ( ) Às vezes

2- Os jargões militares utilizados são conhecidos por todos os integrantes do grupo? Sim

3- Caso você utilize jargões, pode citar alguns exemplos e explicar em quais contextos/momentos eles são usados? NIL = significa tudo certo, sem alteração.

Voador= aquela pessoa aérea, sem atenção.

Acochambrao = preguiçoso.

4- Quando há a inserção de um novo membro no grupo, pode haver alguma dificuldade de aquisição dos jargões já utilizados no meio? Até que não. O convívio facilita a aquisição.

5- Você considera que os jargões utilizados pelo grupo marcam de modo especial esse grupo, criando uma identidade específica ou um sentimento de pertencimento a essa comunidade de fala? Sim Explique. Criou uma identidade diferente para essa comunidade de pessoas, tanto que quando se insere em um grupo de pessoas distintas, sempre são notados pela forma de se comunicar, não apenas na linguagem, mas em gestos também.

32- Militar

Informações gerais:

Idade: 49 anos

Sexo: Masculino

Posto/graduação: 2º Sargento

Tempo de profissão militar: 20 Anos

Questionário:

1- Você utiliza jargões no seu trabalho? (X) Sim ( ) Não ( ) Às vezes

2- Os jargões militares utilizados são conhecidos por todos os integrantes do grupo? Sim

3- Caso você utilize jargões, pode citar alguns exemplos e explicar em quais contextos/momentos eles são usados? Usados com a finalidade de facilitar a comunicação.

4- Quando há a inserção de um novo membro no grupo, pode haver alguma dificuldade de aquisição dos jargões já utilizados no meio? Sim, geralmente se adapta rápido.

5- Você considera que os jargões utilizados pelo grupo marcam de modo especial esse grupo, criando uma identidade específica ou um sentimento de pertencimento a essa comunidade de fala? Explique. Os jargões marcam o meio militar a maioria vista de forma positiva para a comunicação.